

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**O MUNDO DA CRIANÇA: PRESCRIÇÕES PARA OS BONS MODOS
DO INFANTE (1954 - 1959)**

JOYCE DE FÁTIMA MORAIS

**MARINGÁ
2019**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**O MUNDO DA CRIANÇA: PRESCRIÇÕES PARA OS BONS MODOS DO INFANTE
(1954 - 1959)**

Dissertação apresentada por JOYCE DE FÁTIMA MORAIS, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientadora:
Prof^a Dra. ELAINE RODRIGUES

MARINGÁ
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)**

M827m Morais, Joyce de Fátima
O mundo da criança: prescrições para os bons modos do infante (1954 -1959) / Joyce de Fátima Morais. -- Maringá, 2019.
102 f. : il. color., figs., quadros

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Rodrigues.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019.

1. Criança - Formação - Civilidade. 2. Coleção O Mundo da Criança - Análise e interpretação. 3. Infância. 4. Civilidade. I. Rodrigues, Elaine, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 21.ed.370.1

JOYCE DE FÁTIMA MORAIS

O MUNDO DA CRIANÇA: PRESCRIÇÕES PARA OS BONS MODOS DO INFANTE
(1954 - 1959)

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Elaine Rodrigues (Orientadora) – UEM

Prof. Dr. Tony Honorato – UEL - Londrina

Prof. Dr. Célio Juvenal Costa – UEM - Maringá

Data de Aprovação

Dedico este trabalho aos meus pais, **João e Neuza**, por todo amor, apoio e força com que me ensinaram ao longo da vida. Vocês sempre serão meu ponto de partida e chegada.

À minha querida avó, **Maria de Lourdes** (*in memoriam*), por sempre dizer que eu era uma menina de ouro.

À tia **Ivone** (*in memoriam*), por ter acreditado.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar a vida, mostrar-me constantemente seu amor e cuidado em cada jornada. Por ser a razão da minha alegria em meio aos percursos da vida. Seus planos me trouxeram até aqui e me fizeram entender que são infinitamente melhores do que os meus.

À Prof^a Dr^a Elaine Rodrigues, pelo amor, respeito e seriedade com o ensino, a pesquisa e a história da educação. Pelos abraços apertados em cada orientação, a humanidade com que trata desde as teorias mais duras até as questões mais essenciais da vida. Por toda dedicação e carinho com essa pesquisa, toda minha admiração.

A banca examinadora, Prof. Dr. Célio Juvenal Costa, Prof. Dr. Tony Honorato e Prof^a Dr^a Érica Piovam de Ulhôa Cintra, pela tão valiosa contribuição, indicação de leituras e dedicação para com esse trabalho.

A meus pais, João e Neuza, por me incentivar a ir além, por acreditarem, investirem em mim, me acolherem em sua força. Sou grata por terem como pais pessoas com tamanha estima, que não sucumbiram diante dos desafios da vida. Vocês sempre serão a inspiração para tudo de bom que eu vir a fazer na vida.

A meus irmãos, Josi e Júnior, por me amarem tanto.

Sou grata imensamente à minha igreja, Comunidade Evangélica em Astorga, por andarem essa milha comigo. Em especial aos meus pastores por me ensinarem que o conhecimento é uma das formas de amar a Deus e continuar o “Ide” de Jesus, por serem presentes em cada luta, consolo nos desafios e alegria nas conquistas.

A minha amiga Roseli, por me entender melhor do que eu e assim ser a voz que me acalma, me disciplina e os olhos que me direcionam ao Deus Eterno. Sem sua amizade essa jornada não teria sido possível.

Diz uma canção: “ninguém chega só em algum lugar”, e sem minhas amigas Stela, Luciane e Dayane, eu realmente não teria chegado até aqui. Vocês são a bondade de Deus na minha vida, poder compartilhar da vida com vocês é especial demais. Obrigada pelos cafés, os cinemas, as madrugadas de conversa, e por segurarem minha mão.

As amigas tão especiais Ananda, Pri, Ilana e Nathasha por me ensinarem o valor da amizade. Ao me ouvirem falar de livros, coleções e impressos com paciência e continuarem me incentivando aos estudos.

As amigas preciosas Patrícia e Giovana, pelas disciplinas que fizemos juntas. Por tanto carinho, amor e alegria com que compartilham comigo dessa jornada de estudos e pesquisas. Fizeram dessa jornada mais leve.

A toda minha família, Morais e Oliveira, especialmente tia Sônia e tia Márcia, e meus muitos primos Ana Paula, Suzan, Carol, Mare, Déia, Vinnie, Jéssica, Vinícius, Camila, Rafael e Cleyton, é maravilhoso contar com a amizade de vocês, principalmente durante o mestrado, obrigada pelos abraços.

Ao grupo HEDUCULTES, por tanto conhecimento, troca de experiência, e a amizade que construímos.

A cada criança com as quais tive a oportunidade de aprender a ser feliz, especialmente Matheus, Gabi, Lucas e Laís.

E assim, agradeço novamente a Deus, cada pessoa lembrada aqui é um presente dEle. Sem as quais essa pesquisa e essa jornada não seriam possíveis, alegre e cheia de tanto aprendizado. Sou grata por ter ao meu lado tantos tesouros.

Por fim, parece-nos evidente que querer conhecer mais sobre a trajetória histórica dos comportamentos, das formas de ser e de pensar em relação às nossas crianças, é também uma forma de amá-las, todas e indistintamente melhor.

Mary Del Priori

MORAIS, Joyce de Fátima. **O MUNDO DA CRIANÇA: PRESCRIÇÕES PARA OS BONS MODOS DO INFANTE (1954-1959)**. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Dra. Elaine Rodrigues. Maringá, 2019.

RESUMO

A coleção O Mundo da Criança, de origem norte americana, traduzida e adaptada para o Brasil em 1959, pela Editora Delta, foi eleita como fonte para essa pesquisa. A finalidade é identificar as normas de conduta a serem inculcadas, por meio da circulação dessa coleção, inserindo-a no contexto brasileiro, primeira década da segunda metade do século XX. A pesquisa tem como premissa a afirmativa: os impressos, agentes de propagação de condutas, funcionaram no Brasil como estratégia para a formação de uma almejada civilidade infantil e como consequência do adulto. Os volumes objetivam contribuir na formação das crianças, a fim de que se preparem para a condição de futuros cidadãos. A pergunta de pesquisa: Qual modelo de conduta a coleção O Mundo da Criança pretendia estabelecer como ideal para se alcançar a civilidade infantil e conseqüentemente do adulto? Como a coleção se organizou para que funcionasse como uma estratégia de formação do cidadão? Roger Chartier e Norbert Elias amparam a análise. Na introdução está descrita a motivação da investigação e seus desdobramentos, a segunda seção é composta do mapeamento da coleção O Mundo da Criança, o contexto brasileiro, na terceira seção apresenta a manifestação do impresso como meio de divulgação e formação pretendida pelos idealizadores da coleção. A quarta seção contextualiza a coleção em sua abordagem histórica e cultural, onde são apresentadas as estratégias e categorias formativas por meio do impresso. Por fim, como resultado da pesquisa considerou-se que o impresso contribuiu aos anseios pela formação do cidadão civilizado para a década de 1950.

Palavras-chave: Impressos; Infâncias; Civilidades.

MORAIS, Joyce of Fatima. **CHILDREN'S WORLD: PRESCRIPTIONS FOR THE GOOD MODES OF THE INFANT (1954-1959)**. 101 p. Dissertation (Master in Education) - Federal State University of Maringá. Advisor: Dr. Elaine Rodrigues. Maringá, 2019.

ABSTRACT

The collection *The World of the Child*, of North American origin, translated and adapted to Brazil in 1959, by Editora Delta, was chosen as source for this research, the purpose is to identify the norms of conduct to be instilled through the circulation of this collection, inserting it into the Brazilian context, the first decade of the second half of the twentieth century. The research has a premise the affirmative: the printed ones, agents of propagation of conduits, functioned in Brazil like strategy for the formation of a wanted childhood civility and as a consequence of the adult. The volumes aim to contribute to the training of children, so that they prepare for the condition of future citizens. The research question: What model of behavior did the *Child World Collection* intend to establish as an ideal for achieving child and consequent adult civility? How did the collection organize itself to function as a citizen training strategy? Roger Chartier and Norbert Elias supported the analysis. In the introduction is described the motivation of the investigation and its unfolding, the second chapter is composed of the mapping of the collection *Children's World*, the Brazilian context, in the third chapter presents the manifestation of the print as a means of dissemination and training intended by the idealizers of the collection. The fourth chapter contextualizes the collection in its historical and cultural approach, where the strategies and formative categories are presented through print. Finally, as a result of the research, it was considered that the print contributed to the yearnings for the formation of the civilized citizen for the time.

Key words: Printed; Childhood; Civility.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capas da Coleção o Mundo da Criança - 15 volumes.....	28
Figura 2: Os 15 Volumes da Coleção O Mundo da Criança.....	29
Figura 3: Serviços domésticos	66
Figura 4: Molde do Jogo Glória!	70
Figura 5: Ilustração para confecção de fantoches	70
Figura 6: Apresentação e ilustrações de exemplares de seres vivos	80
Figura 7: Ilustrações e explicações sobre o espaço.....	81
Figura 8: Fotografias de animais de estimação.....	82
Figura 9: Apresentando a Arte	86
Figura 10: A linguagem da música	87
Figura 11: Representando as máquinas.....	90
Figura 12. O ar para o trabalho do homem	92
Figura 13: Brincando com o ar.....	93

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. A COLEÇÃO “O MUNDO DA CRIANÇA”: RAZÕES E VERSÕES.....	21
2.1. A versão norte-americana	22
2.1.1. A Conferência sobre a Infância e a Juventude de 1950.....	24
2.2. A versão brasileira.....	26
2.3. Apresentando a Coleção	32
2.4. Panorama Histórico e Educacional no Brasil.....	36
3. O IMPRESSO COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO.....	41
3.1. A expressividade das coleções no Brasil	44
3.2. O sujeito infante e “O Mundo da Criança”	47
3.3. O ideal de modernidade presente na coleção	50
4. CATEGORIAS DE ABORDAGEM DA COLEÇÃO.....	53
4.1. A linguagem textual como formadora da sensibilidade infantil	57
4.1.1. Condutas.....	60
4.1.2. O brincar civilizado	69
4.1.3. A formação por grandes referenciais: um modelo a seguir.....	73
4.1.4. O domínio sobre a natureza e a ciência.....	78
4.1.5. A arte para civilizar	84
4.1.6. Um cidadão para a indústria	88
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS.....	97

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa faz parte do Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de Maringá, na linha de pesquisa História e Historiografia da Educação e do grupo de pesquisa História da Educação Brasileira, Instituições e Cultura Escolar (Heducultes). O interesse pelo tema surgiu a partir dos estudos realizados, no grupo, referentes aos impressos e sua apropriação de valor cultural e, nas discussões com a orientadora Elaine Rodrigues, por meio de onde tivemos acesso e interesse pela coleção “O Mundo da Criança”. A coleção “O Mundo da Criança”, motivou-me a criar indagações que despertaram meu senso investigativo para o contexto cultural da década de 1950, vindo ao encontro do gosto, já antigo, pela história do Brasil e, que se fortaleceu com a possibilidade de compreender melhor a história da educação brasileira, pelo viés da cultura do impresso.

A imprensa, em suas múltiplas formas e circulação (jornais, livros, revistas, folhetins, coleções, enciclopédias/ bancas, escolas, instituições públicas e privadas, associações e sindicatos, entre tantos), tem sido objeto de pesquisa, de maneira mais profunda, desde meados do século XX, devido à sua íntima relação com o que se pode chamar de opinião pública, quando se trata de jornais e periódicos, como ainda pela arte de entretenimento ao se referir a revistas e coleções. Tais pesquisas e inquietações ganharam mais força ao se fundamentarem no campo de estudo da Nova História Cultural, que de forma específica, ampliou o caminho da pesquisa e compreensão do mundo ao dar o valor da ciência aos aspectos e objetos da produção humana, os quais por muito tempo ficaram à margem da escrita da história. Assim, a imprensa como fonte de pesquisa exerce para a historiografia, dentre outras possibilidades, a possibilidade de “tecer e interpretar” as relações construídas e desconstruídas na vida que se movimentam em diversos e distintos grupos sociais.

Ao tomarmos a imprensa como fonte e objeto de pesquisa, anunciamos ser possível, por meio dela, analisar aspectos, muitas vezes invisíveis, da construção e formação da cultura social que somente pelos impressos seriam visíveis e notados, por seu conteúdo puramente cultural e suas “múltiplas formas de representação [...]” (MACHADO e RODRIGUES, 2017, p.254), voltado a leitores específicos e a assuntos de relevância em determinado período e contexto.

O papel social da imprensa é algo que tem sido pesquisado com profundidade. Registros retratam e perpetuam, na memória social, os vestígios da vida pública, economia, sociedade, educação e temas variados, possibilitando encontrar, nesse campo, uma expressividade para pesquisas e compreensões a respeito da vida social, em diferentes contextos e períodos, que alargaram em variados aspectos a investigação a seu respeito. Vieira (2007) ressalta que não se pode negar o prestígio e princípio que a imprensa carrega em si, pois ela tem o poder de influenciar a sociedade em diferentes tempos, aspectos e cultura de tal modo que a imprensa está para a sociedade como meio de formar diferentes maneiras de pensar e agir, principalmente no século XX, quando se tratava do mais importante meio de comunicação.

Para o campo da historiografia da educação, a pesquisa em torno do impresso traz grandes avanços ao que se pretende compreender sobre o desenvolvimento e atraso na esfera da educação, especialmente, relacionada à brasileira; Basta apurar a quantidade e qualidade das pesquisas que têm revelado a contradição na manifestação da legislação educacional de acordo com os manuais escolares, revistas dirigidas a crianças, manuais aos professores, notícias de jornais e periódicos. Enfim, a falta de diálogo com o que oficialmente se propunham através das manchetes e publicações de épocas passadas.

Ainda ao que se refere à historiografia da educação, o estudo da imprensa propriamente pedagógica ou não, provoca reflexões sobre a cultura em formação, diante das políticas que se implantavam no decorrer da história, uma vez compreendendo que as revistas, jornais, periódicos, coleções e afins retratam, em seus temas, assuntos e textos da vida social, ou seja, da vida real dos sujeitos na sociedade. No que se refere à coleções, fonte e objeto desse trabalho, essa relação exerce maior atuação.

As coleções de livros são compreendidas como modalidades específicas de impresso, que carrega em sua materialidade dupla estratégia de intervenção cultural: a intervenção editorial, que, por meio da reorganização dos textos, objetiva a ampliação do mercado do livro; a intervenção no campo da cultura, que é fruto da seleção e adaptação do conjunto de textos e autores, assim como da prescrição de seus usos em um programa para a formação do leitor destinatário da coleção (TOLEDO, 2010, p.139).

Chartier (1991) enfatiza a importância e necessidade da História em reformular seus objetos e, considerar o sujeito em novas perspectivas, articulações e práticas para compreender o movimento da história fora do contexto de dualidade. Dentro, porém, de um ambiente social e culturalmente plural de manifestações diversificadas.

Diante dessa reflexão é que a presente pesquisa tem como objetivo analisar, de forma interpretativa, a Coleção “O Mundo da Criança”, traduzida e adaptada da versão original norte-americana publicada, no Brasil, na década de 1950, pela editora Delta, a fim de identificar a influência e a função social do impresso para formar um modelo de conduta e analisar o modelo de civilidade que a obra pretendia formar.

No levantamento da pesquisa foi necessário compreender o impresso como veículo de formação de conduta e pensamento. Para tanto, utilizou-se como fundamento a perspectiva de análise de Roger Chartier ao considerar o livro, a partir da cultura escrita, um instrumento capaz de, por meio da materialidade e do seu conteúdo proposto, transmitir valores, conceitos e gerar novos pensamentos e ideais.

Tomando a obra impressa “O Mundo da Criança” como um mediador cultural, um instrumento, que tenciona investir na formação moral e na conduta da infância para um determinado modelo de civilidade, pelo qual o objeto de estudo, propõe como adequado. Significando, por meio desse veículo de comunicação, o impresso, uma estratégia de discurso para a obtenção de comportamentos considerados civilizados, pelo grupo que produz e reproduz a coleção. Assim pretende-se analisar a literatura, as imagens, os conteúdos e as formas de operar com que o impresso se configurou para a transmissão desses ideais, em sua materialidade e na representação de práticas.

Diante dessas considerações, coube à pesquisa identificar os recursos de que o impresso utilizou para que a transmissão de comportamentos, condutas e moral, em sua materialidade, no conjunto da obra, para servir ao público como um estímulo a fim de gerar práticas adequadas ao modelo desejado de sociedade civilizada .

No que se refere ao conceito da civilidade buscou-se a apropriação de Norbert Elias ao esclarecer o Processo Civilizador como uma manifestação cultural que pode influenciar a consciência tanto do indivíduo como da sociedade, por meio de um processo relacional e de interdependência, capaz de formar padrões de

conduta moral e social, e normas de comportamento. Nesse sentido, fez-se necessário abordar os desdobramentos da imprensa, como mediadora de significados, capaz de influenciar o leitor, de forma a utilizar-se de estratégias para isso. Buscou-se, então, os conceitos em Michel de Certeau.

Ao focar a pesquisa aos bons modos do infante, tem-se em vista que a própria obra, impresso, em primazia trata da infância, se destina à infância, correspondendo assim ao mundo da criança. Nesse entendimento, e ao decorrer do estudo e em contato com a fonte/objeto, percebe-se que seus textos, materialidade e todo o conjunto referem-se ao período em que a criança, enquanto infante, encontra-se em um processo de desenvolvimento geral, mas que prioritariamente, precisaria ser educada em suas emoções, condutas e costumes, para então vir a ser um cidadão civilizado para uma sociedade, a qual almejava-se, moderna.

Ao tratar do infante, utilizou-se a perspectiva de Gondra (2003), e Bujes (2002), ao qualificarem a infância como uma categoria social, em formação, que com a modernidade visava o cidadão civilizado.

Para contextualizar o período analisado, a pesquisa buscou referências em Novais e Sevcenko (1998) com o intuito de elucidar os aspectos que correspondem às transformações sociais, políticas e culturais da época do impresso “O Mundo da Criança”, aqui analisada, evidenciando a modernidade. Carvalho (2011) foi referência para fundamentar a historiografia da educação e os aspectos do período que contribuíram para os desdobramentos educacionais da época em que a coleção foi lançada.

O impresso “O Mundo da Criança”, publicada pela Editora Delta¹, no Brasil, entre as décadas de 1940 – 1960, é uma coleção de livros, totalizados em 15 volumes, dedicados aos assuntos da vida social, emocional e cultural da criança, abordando em formas de diversificados gêneros textuais, temas que fazem parte do universo infantil e seu desenvolvimento. Dentre os 15 volumes, os quatro últimos (volume 11 ao 15) são dedicados exclusivamente aos pais e educadores que lidam com crianças, bem como com seu desenvolvimento físico, emocional, religioso, cultural e social.

A coleção é uma obra reproduzida e adaptada dos Estados Unidos, onde recebeu como título original o nome de “CHILDCRAFT”, criada e publicada na

¹A Editora Delta, responsável pela publicação da coleção “O Mundo da Criança”, também publicou no auge do século XIX a Enciclopédia Delta Larousse, no entanto não há registros sobre outros empreendimentos da editora, tão pouco sua situação atual.

década de 1930 pela WF Quarrie & Company, posteriormente na década de 1940 pela The Quarrie Corporation, e pela Field Enterprises, no final da década de 1940, da qual a versão brasileira se apropriou para a adaptação e publicação.

A chegada da referida coleção no Brasil está relacionada, em um primeiro momento, ao contexto histórico e social brasileiro advindo do anseio do sentimento de modernidade pelo país, que surgiu, com maior, evidência na Proclamação da República, na transição do século XIX para o XX, influenciada pela industrialização dos europeus e americanos. A nação brasileira almejou, nesse período, fazer parte da sociedade do velho mundo, que agora se constituía em macro e moderno. Sevckenko (1998) reforça que o Brasil, em sua fase republicana, pretendia “a todo custo” pertencer a esse ideal de modernidade. De forma que, quando em meados da década de 1950, a coleção é comercializada no Brasil ainda encontra-se presente esse sentimento de conservadorismo, aos bons modos civilizado, tendo como terreno histórico a modernidade em termos de ideal, industrialização e cultura.

Uma vez que o impresso, na versão original, norte-americana, passou por várias edições, adaptação e ampliação, desde sua criação em 1923 até a década de 1980, quando não houve mais publicação da coleção. A partir da década de 1960, em meio às mudanças de editoras, a coleção, teve como parte de suas publicações, volumes anuários que representavam edições especiais, sobre temas que a coleção não abordava em seus volumes tradicionais. Assim a versão da qual o Brasil se apropriou para a publicação e adaptação é a correspondente ao ano de 1954, publicada nos Estados Unidos pela editora Field Enterprises, de onde se originou a versão com 15 volumes, a que esse trabalho se propôs a analisar.²

Partindo dessa breve retomada histórica, o que se pretende é fundamentar que essa busca pelo pertencimento ao moderno é algo que acompanha a própria história cultural do Brasil como nação. Isso ocorre em tantos aspectos que é possível argumentar que ao longo de seu desenvolvimento o país trilha um percurso de alcance ao plano da modernidade espelhada nas nações da Europa e dos Estados Unidos, na qual caminha com entusiasmo, força e persistência, uma vez formada pelo pensamento de que a modernidade aponta para o dever-ser de modelos de civilização.

²Dados retirados do site <http://www.plumfieldandpaideia.com>. Blog de origem norte americano, que tem por finalidade transmitir informações sobre “homeschoolers”, ou seja, educação domiciliar.

Reconhecido como um período democrático por Fausto (2002), os anos cinquenta no Brasil se caracterizaram pelo desgaste na política e o entusiasmo na indústria. Nesse parâmetro, ao contextualizar o período de publicação da coleção “O Mundo da Criança” à década de 1950, não se pode deixar à margem essa questão do projeto de modernidade do Brasil. Considerando que para os anos 1950 um grande e forte modernismo já havia se instalado no país, por meio dos movimentos artísticos, arquitetura, política e mercado, a mentalidade do que seria a nova geração deveria acompanhar esse ritmo e desejo, é que se retoma a questão do anseio pela modernidade aqui. Compreendeu-se que por meio da literatura infantil, do impresso e especificamente da citada coleção, agora pretendia-se formar a conduta de um comportamento civil, uma civilidade adequada para esse novo mundo republicano.

Esse anseio pode ser assim visto tanto no ambiente editorial, quanto pelos leitores, sendo uma relação, um desejo mútuo, de se apropriar de comportamentos e representações do moderno, do que foi visto e representado como modelo de civilização. Norbert Elias, ao tratar do conceito da civilização, contextualiza sua ideologia e formação nas sociedades modernas e elucida que “nosso tipo de comportamento evoluiu daquilo que chamamos de incivil” (1994a, p.72) ao passo que socialmente ocorre um processo de transformação cultural.

Conforme o autor esse é o processo da sociogênese e psicogênese, onde e quando as mudanças ocorrem de forma interdependente, ou seja, é quando o indivíduo e sociedade em uma relação passam e alteram suas estruturas. “E a fazem porque abordam ambos os tipos de estruturas não como fixos, como em geral acontece, mas como mutáveis, como aspectos interdependentes do mesmo desenvolvimento do longo prazo” (ELIAS, 1994a, p. 217).

Com o advento dos meios de comunicação, dentre eles, prioritariamente, o impresso e num momento posterior, o rádio e a televisão, a sociedade brasileira dos anos 1950 caminhava para um momento de formação de identidade que ia se desconstruindo após os anos de governabilidade de Getúlio Vargas, buscando se reconstruir. Ainda, fortemente influenciadas, entretanto, pelas ideias e comportamentos europeus e americanos, por parte dos que iam assumindo o governo.

Seu recurso para efetivar esses fins eram códigos rígidos e sistemas de racionalidade, aplicados com vistas a modelar os comportamentos

e as práticas, desde o âmbito geral até os recônditos da intimidade e da consciência de cada habitante do país. (SEVCENKO, 1998, p.39-40).

Essa pesquisa, particularmente, objetiva analisar quais são as categorias privilegiadas como temas, pela coleção examinada, para formar uma conduta de civilização, no sentido de marcar como e por quais estratégias de leituras se organizou para transmitir um conceito de indivíduo social civilizado.

De forma a abordar os tipos de textos, como por exemplo, as fábulas e contos, que já têm por finalidade o ensinamento de uma moral a ser refletida e praticada, assim objetiva-se averiguar quais as histórias que se privilegiou publicar? E quais intenções almejadas, pela coleção, que se evidenciam no discurso de um modo de vida considerado civilizado, conforme a teoria do Processo Civilizador, para a realidade brasileira da década de 1950?

Dentre as categorias conduta moral e social, costumes e boas maneiras e controle social, elegeu-se como abordagem central a formação do comportamento desdobrando-se assim em: a formação por referenciais; o domínio sobre a natureza e a ciência; um cidadão para a indústria; o brincar civilizado; condutas; a linguagem textual como formadora da sensibilidade infantil e a arte para civilizar, por meio do aporte teórico das categorias da sociogênese e psicogênese de Norbert Elias (1994), na relação de interdependências das estruturas da sociedade e da personalidade do indivíduo.

Desse modo, o estudo e a análise da coleção observam a metodologia do mapeamento da fonte, que também é objeto, para extrair dela temas de abordagem, gêneros de textos e leituras, materialidade do impresso, ampliando o olhar para o conteúdo que a obra se propôs a transmitir.

A pesquisa se justifica ao inquirir, dessa forma, de fonte de estudo, a construção da cultura e da história da educação, como caminho para analisar as formulações e o ideário de uma época que são as bases para o exercer do ofício do historiador. Ao revisitar o passado, por meio do impresso, essas questões podem ser abordadas para o entendimento do contexto histórico, social e cultural, encontrando, no objeto de estudo, vestígios dessa construção, por parte de uma das camadas da sociedade.

Ao abordar o tema da conduta, do comportamento como formação para uma sociedade civilizada, busca-se em Norbert Elias as argumentações que se efetivam

no desdobramento desse processo civilizador. Elias (1994a) analisa, primeiramente, o termo civilização e conceitua que esse é de fato um processo que para cada grupo, sociedade e cultura adquire pressupostos diferentes, mas, sempre está associado ao modo de conceber a vida, valores, cultura e comportamentos.

Elias (1994a), ao tratar do assunto da civilização moderna, na qual, como sociedade ocidental regida pelas influências da Europa nos encontramos, atualmente, conceitua que todas as sociedades e em momentos históricos concebem, desenvolvem, reproduzem e criam modelos de civilização que dá identidade cultural para si. A esse fato nomeia *processo civilizador* [...] nossos termos "civilizados" e "incivil" não constituem uma antítese do tipo existente entre o "bem" e o "mal", mas representam, sim, fases em um desenvolvimento que, além do mais, ainda continua. (ELIAS, 1994a, p. 73).

A partir dessa reflexão e teoria, problematiza-se qual modelo de conduta a Coleção "O Mundo da Criança" pretendia estabelecer como ideal para se alcançar a civilidade infantil e, conseqüentemente, do adulto? Como a Coleção se organizou para que funcionasse como estratégia de formação do cidadão?

Le Goff (1990), ao refletir sobre a concepção dos documentos e monumentos em sua relação à história do homem, traz a elucidação de que, ao longo dos séculos XVII ao XIX, a atenção e direção de sentido ganha nova percepção pelos historiadores. Tal discernimento encontra-se no fato de considerar que a ação do homem na história, seus vestígios, presença, atuação, legado e todo o percurso que se preservou para a construção da vida em sociedade, estão presentes em documentos e monumentos.

Constatou-se, dessa maneira, serem esses os recursos utilizados pelos historiadores para o desvelar da manifestação social e cultural do homem em seu tempo. Assim, por monumentos, os atos escritos representam essa manifestação, dando respostas e auxiliam na investigação historiográfica.

Para tanto, em seu desenvolvimento, a pesquisa foi dividida em cinco seções. A primeira é uma seção introdutória que buscou apresentar a fonte também como objeto de pesquisa contextualizado como veículo de comunicação para civilidade de um período em formação de um modelo de conduta padronizado. Além disso, anuncia os objetivos, justificativa e fundamentação teórica.

A segunda seção apresenta a coleção "O Mundo da Criança", suas razões e versões, analisando sua materialidade e conteúdo no contexto histórico em que foi

organizada. Destaca, também, seus aspectos políticos, sociais e culturais como dispositivos para a formação do cidadão modelo - uma referência a ser imitada.

Na terceira seção foi realizada uma discussão referente ao impresso como fonte e objeto de pesquisa, destacando sua função social para a historiografia da educação, especialmente, como vestígio histórico, por onde é possível analisar e contextualizar a ação do homem como sujeito histórico e cultura. Como ainda apresentar a infância como categoria social, presente na coleção “O Mundo da Criança”.

Na quarta seção, buscou-se analisar como a coleção “O Mundo da Criança” apresentou o ideal de cidadão e quais as estratégias textuais, materiais e ilustrativas disponibilizadas com o propósito de formar esse cidadão e sua identidade. Sempre, preocupando-se em compreender e apresentar o ideal de modernidade a ser alcançado, bem como o perfil ideal de criança e educação pretendido.

A quinta seção está composta pelos desdobramentos da pesquisa, as interpretações realizadas a partir da teoria do Processo Civilizador, e a análise das impressões que norteiam esse entendimento, na maneira em que se encontram na coleção “O Mundo da Criança”.

2. A COLEÇÃO O MUNDO DA CRIANÇA: RAZÕES E VERSÕES

Em cada momento histórico o livro desempenha um papel social, de modo a configurar nessa mesma reflexão que, para cada momento histórico o livro registra, perpetua e deixa vestígios da manifestação existencial da época em que foi escrito, e consumido.

A fim de saber quais são esses vestígios, seu conteúdo precisa ser explorado com tamanha cautela e visão histórica para a apuração de ir além do que o impresso está apresentando. Sem ideologias preestabelecidas, conceitos pós-modernos com julgamento ao que outrora se vivenciava como cultura, padrão social, mas na busca pelo desvendar do processo que se constituía na sociedade. Essa análise do conteúdo deve ser, portanto o “desafio que ensina o pesquisador a mergulhar na aparente inocência das fontes, para encontrar a desordem, os limites de uma oscilação, o instante de funcionamento irregular, a delimitar os domínios possíveis da pesquisa histórica” (RODRIGUES e BICCAS, 2015, p.152).

Diante desse desafio é que se propõe a análise da coleção “O Mundo da Criança”, sendo ela um vestígio de um passado da história do povo brasileiro, que culturalmente pretendeu influenciar a formação de um comportamento social entre seus consumidores leitores.

Ao nos apropriarmos da teoria do Processo Civilizador de Norbert Elias, compreende-se que a coleção “O Mundo da Criança” propõe a formação de uma identidade social civilizada, argumentando que esse processo civilizador é aquele que leva os indivíduos do que é inadequado para o adequado social, cultural e historicamente produzido pelos homens no processo de longa duração, de forma que a coleção funcionaria como um instrumento de educação, não formal, das emoções e das sensibilidades de cidadão civilizado (BRAGHINI, MANAKATA, TABORDA DE OLIVEIRA, 2017). No sentido de que “o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e *sentimentos* humanos rumo a uma direção muito específica” (ELIAS, 1994a, p.193, grifos nossos).

Elias (1994) atenta para um fato de relevante consideração, a civilização humana está sempre em processo de transformações para diversos aspectos inclusive o comportamento social, logo, tudo o que se possa considerar como um manual de conduta não surgiu de uma ocasião e não está acabado, mas todas as sociedades e períodos históricos, conforme seus costumes e cultura desenvolvem

modos de conduta social a fim de estabelecer ordem e legitimar uma identidade social.

Toda essa reorganização dos relacionamentos humanos se fez acompanhar de correspondentes mudanças nas maneiras, na estrutura da personalidade do homem, cujo resultado provisório é nossa forma de conduta e de sentimentos 'civilizados' (ELIAS, 1994b, p.195)

Ressalta-se então que cada época produziu novos valores, condutas, comportamentos e civilidade para si, apoiada em sua própria prática social que por hora já não atendia mais aos termos e relações pessoais que se desvendavam na vida social.

Diante disso a historiografia nos auxilia na construção de conceitos e na compreensão do desenvolvimento da humanidade, isso pode ser feito por meio de inúmeros vestígios, dentre eles os impressos, que trazem em sua materialidade, suporte e dispositivos vestígios tão palpáveis que nos fazem perceber o movimento do tempo.

Para compreensão do movimento na história vale a ressalva de que não se julga um comportamento passado, e nem se pode discuti-lo mais do que uma análise, visto que já está feito, vivenciado e superado, mas ao conectar com fontes e objetos que rememoram ao passado, sua análise e interpretação contribui significativamente para o próprio desenvolvimento da humanidade como um todo, do que já foi superado para o que necessita ser reformulado como aprendizagem do que se passou. Para tanto, passamos a discutir a versão original norte-americana da Coleção "O Mundo da Criança".

2.1. A versão norte-americana

A coleção "O Mundo da Criança" é originalmente uma obra norte-americana, produzida nos Estados Unidos no período correspondente de 1934 a 2014, sendo reeditada e ampliada durante a década de 1950, e em meados da década de 1960

foi reinventada em um modelo mais pedagógico, abordando mesmo assuntos escolares, como a matemática e a ciência³.

Torna-se importante mencionar que, a década de 1950, para todo o mundo, foi um período de reconstrução, pós Segunda Guerra Mundial, onde praticamente, os sujeitos tentavam se reorganizar, conscientizando-se sobre os efeitos da guerra, para isso buscou-se outra forma de educar, formar e disciplinar as crianças, em especial no seu sentimento de humanidade, para evitar mais conflitos e situações como tal. De forma especial, nos Estados Unidos, a discussão a esse respeito, buscava meios de encaminhar uma transformação por meio da educação das crianças e jovens.

Atordoados pela trágica reviravolta nos acontecimentos na Coréia, eles enfrentaram a triste conclusão de que nada que pudessem dizer ou fazer seria de qualquer valor para os jovens da Nação, a menos que isso os ajudasse a desenvolver o tipo de personalidade que poderia suportar a tensão e a adversidade (THE STORY OF THE WHITE HOUSE CONFERENCES ON CHILDREN AND YOUTH, 1967, p.16).

Conforme a *Nota Explicativa*, da versão brasileira, no primeiro volume da coleção, esse empreendimento ficou conhecida nos Estados Unidos como uma série, ou mesmo enciclopédia para as crianças, com a finalidade de ensinar de forma divertida e simples, abordando diversos assuntos relacionados ao período de desenvolvimento infantil.

O título original da coleção recebe o nome de “*CHILDCRAFT*”, o qual pode ser interpretado como sendo o ofício infantil, foi elaborada a partir de um *Conselho Consultivo* formado por professores de educação de instituições como: Columbia University, Peabody College, Toronto University e Stanford University. Tais educadores encontravam-se na categoria de chefes de departamento de educação das universidades, diretores de institutos de estudos da criança e professores da área de psicologia. Todos com titulação em PhD. A coleção continuou sendo editada e publicada de forma anual no período que se estende de 1964 até 2014, abordando temáticas infantis.

³As informações referentes a versão original, suas edições, editores, divulgação, são poucas e quase raras, de maneira que, para essa pesquisa, foram encontrados dois blogs, de origem norte americana, que tratam e apresentam a coleção em suas edições das décadas de 1940 a 1970. Considerando-as como livros para estudos domésticos. Logo as informações e dados acima mencionados, estão presente nos blogs.

Além dos conteúdos dedicados às crianças, a coleção se dedicou também para os pais e educadores, trazendo uma espécie de manual de apoio para a compreensão das relações familiares e do próprio desenvolvimento da criança. Diante disso, e do olhar para as relações familiares e o desenvolvimento infanto-juvenil, advindo da modernidade, foram realizadas, na metade do século XX, conferências sobre tais assuntos para o entendimento e planejamento destinado a formação dessa nova geração que crescia em um mundo novo, ou em um período histórico no qual dava a essa geração a possibilidade de desenvolver uma nova identidade.

A questão da educação da personalidade de crianças e jovens para a nação estadunidense foi tão relevante que periodicamente realizavam conferências para o debate em torno desse assunto. A própria coleção, em seu volume 12 intitulado “Você e sua família” faz menção a quinta (5ª) Conferência sobre a Infância e Juventude realizada na Casa Branca expondo a intencionalidade de os volumes finais da coleção “O Mundo da Criança”, da edição de 1954, serem fruto e dedicados a conciliar as recomendações feitas por essa conferência no ano de 1951, atrelados aos anseios do mundo Pós-guerra.

2.1.1. A Conferência da Casa Branca sobre a Infância e a Juventude de 1950

“Educar meninos para lhes formar personalidade sadia é questão de importância tão vital para a nação quanto para os pais” (V. 12, p.11). É sobre esse princípio que o Volume 12, dedicado aos pais e educadores se apresenta. No entanto, esse princípio está inteiramente vinculado ao que também apresenta a própria coleção “O Mundo da Criança”, em sua perspectiva de objetivo e de função social.

A Conferência da Casa Branca sobre a Infância e a Juventude, foram reuniões que aconteciam periodicamente de 10 em 10 anos (1909 -1960), para discutir o bem-estar das crianças, e assuntos relevantes para o desenvolvimento infantil e juvenil. Essas conferências eram sediadas na Casa Branca, Washington, de onde deriva o nome, sendo uma iniciativa de James E. West (1876-1948), defensor dos direitos da criança e chefe executivo dos escoteiros da América.

A Conferência da Casa Branca sobre a Infância e a Juventude ocorrida em 1956, na metade do século, em Washington, da qual nomeia a publicação de “O Mundo da Criança” na versão brasileira, é apresentada no Volume 15, de maneira a apresentar seus ideais, finalidades e resultados da conferência. Pois, essa reunião de 1950, foi especial pelo fato de convidar os jovens para participar e discutir os assuntos da conferência em pauta.

Conforme documento histórico sobre as conferências da Casa Branca, a temática de 1950 “preocupou-se com a responsabilidade da democracia para produzir pessoas cooperativas socialmente conscientes, sem sacrificar a individualidade. Essa conferência explorou os ingredientes de um desenvolvimento saudável da personalidade” (THE STORY OF THE WHITE HOUSE CONFERENCES ON CHILDREN AND YOUTH, 1967, p. 2).

Ao fazer menção da Conferência na versão brasileira pretende-se evocar os princípios norteadores políticos pelos quais a coleção se estrutura como veículo fundamental para a construção da civilidade na criança e seu crescimento físico, intelectual, cultural e moral.

Semelhantemente, é o que a editora expõe no Volume 12 “Você e sua Família”, dedicado aos pais e educadores, compondo os quatro volumes finais da coleção:

Foi por isso que no meado deste século se reuniram na Casa Branca, em Washington, D.C. (E.U.A.), numa Conferência sobre a Infância e a Juventude, as maiores autoridades em educação, medicina, religião, e desenvolvimento da personalidade infantil (O MUNDO DA CRIANÇA, v.12, 195-, p.10).

As considerações referentes à Conferência estão expostas no Volume de número 15, onde estão explícitos os registros que o evento propõe para que sejam cumpridas suas demandas e compromisso com a sociedade, pais, educadores, governos e toda e qualquer pessoa relacionada com a criança.

Considerando o contexto mundial do fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), da Criação da Organização das Nações Unidas (1945), da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), e toda a conjuntura social e cultural na qual se organizava o mundo como um todo, a Conferência se limitou ao cuidado com a infância e juventude, a fim de formar nessa nova geração bases morais capazes de impedir ou inferir novo conflito.

Isso é visto nos “extratos do congresso da metade do século” (p.162 -163) transcrito no volume acima mencionado, quando em documento imprimem “promessas às crianças”, assegurando respeito ao direito de serem as crianças seres em desenvolvimento e não um adulto menor, e ainda auxiliando-as a reconhecerem o direito dos outros. A promessa se estende também ao encorajamento de “sua (criança) curiosidade e seu orgulho ao trabalho”, demonstração “com preceitos e exemplos, do valor da integridade e a importância da coragem a moral” e destaca a ambição de, enquanto humanidade “livrarmos de preconceitos e discriminações, a fim de que, juntos, possamos organizar uma sociedade verdadeiramente democrática”.

Embora tenha a Casa Branca sediado a Conferência, conforme a coleção “O Mundo da Criança”, todas as partes do mundo estavam representadas por seus participantes que foram até os Estados Unidos movidos pela preocupação com o futuro da humanidade, conferindo à infância e à juventude expectativa de um futuro melhor no qual, a coleção “O Mundo da Criança” foi apresentada como uma resposta aos ideais da Conferência, atendendo aos pressupostos estabelecidos na perspectiva de formar um cidadão civilizado intelectual e moralmente.

2.2. A versão brasileira

A grande divulgação e o discurso formativo e educativo da coleção *Childcraft*, provocou na Editora Delta S.A. o interesse em trazer para o Brasil a proposta de adaptação e publicação do impresso. A versão brasileira assim recebeu o nome de *O Mundo da Criança*, traduzida e adaptada na década de 1950, no Rio de Janeiro, da edição norte-americana de 1954, seguindo o modelo de 15 volumes.

Para a publicação da coleção, a Editora Delta contou com Conselho de redação o qual foi composto por um grupo de professores do Instituto de Educação do estado da Guanabara, atual estado do Rio de Janeiro, sob a coordenação de Iva Waisberg Bonow, catedrática de psicologia educacional.

Por ser uma coleção adaptada a obra privilegiou a ordem dos volumes, títulos, assuntos e temas da versão original. Em nota explicativa no primeiro volume da versão brasileira “Poemas da primeira infância” a coordenação da edição ao argumentar sobre a motivação da publicação, demonstra o caráter da infância como

um percurso comum da vida humana em diferentes nacionalidades e cultura, de forma a ressaltar que:

Esta coleção, que bem pode ser considerada uma verdadeira enciclopédia para as crianças e os seu pais, é obra preciosa de que se orgulham os norte-americanos. Entretanto, não poderia ser traduzida para a nossa língua senão no que tem de universal. As crianças, seres em desenvolvimento, possuem certas características em comum, por mais diversas que sejam as suas origens biológicas ou sociais, o que tornou possível conservar o plano geral dessa obra, adaptando-a, porém, às peculiaridades e às experiências familiares ao nosso meio infantil (O MUNDO DA CRIANÇA, v.1, 195-, p. 5).

Para melhor aprofundamento da pesquisa, busca-se na metodologia de Roger Chartier (1994) a valorização da materialidade e dispositivos do impresso para a própria análise de seu conteúdo, tendo em vista esses dispositivos como possíveis influenciadores das práticas de leitura.

Nesse sentido, tanto os conteúdos quanto a materialidade da Coleção seguiram os mesmos padrões para a edição brasileira. Os 15 volumes são formatados em estilo capa dura, com capas ilustradas coloridas, tamanho correspondente a 25 cm x 17,5 cm. Quanto a estrutura interior o número de páginas tem uma variável de 175 a 340 páginas, com ilustrações em preto/branco e colorida, alguns volumes apresentam ainda fotografias, os livros estão encadernados em folhas de papel comum e acetinado.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram encontrados os 15 volumes da edição brasileira, dentre esses apenas três estão com as datas de publicação registradas, que correspondem aos anos de 1954, 1958 e 1959. Os demais se encontram sem data. No entanto, os dispositivos materiais, editoriais e textuais que tivemos acesso apresentam características comuns quanto a cor das capas, sendo que cada volume destinado ao público infantil apresenta na capa principal uma figura referente ao assunto do volume. Enquanto que os quatro últimos volumes destinados aos pais e educadores obedecem ao mesmo padrão de figuras na capa, como se pode observar na figura a seguir:

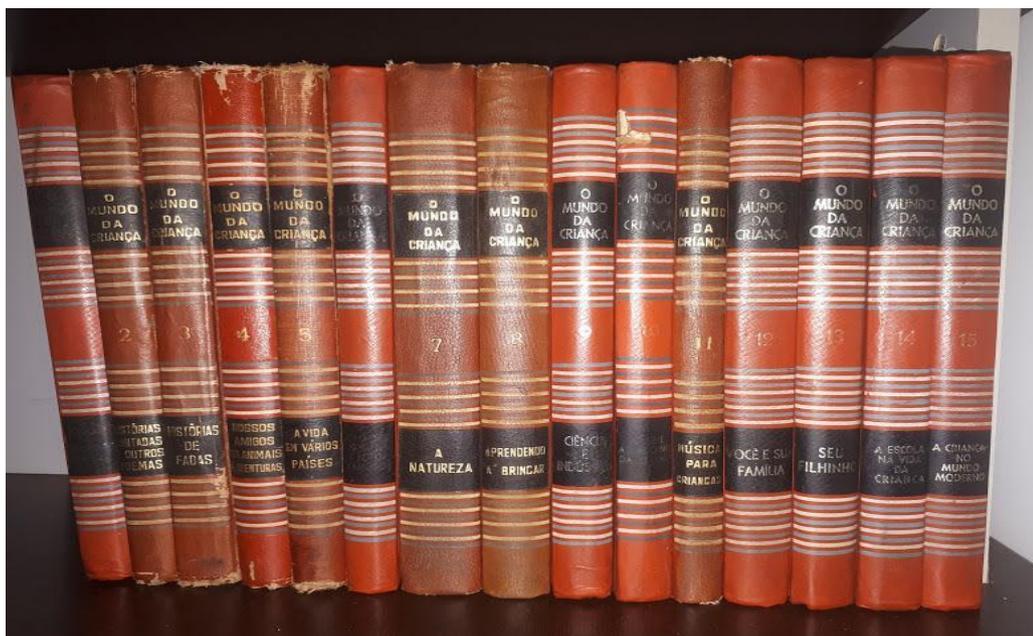
Figura 1: Capas da Coleção o Mundo da Criança - 15 volumes



Fonte: O MUNDO DA CRIANÇA, foto da autora, 2019.

A partir da ilustração das capas e, em concordância com o pensamento de Hall (2016, p.31) quando conceitua que “representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos”, observa-se na figura 2, que a própria materialidade da coleção dá a ela a representação de uma enciclopédia de fato.

Figura 2: Os 15 Volumes da Coleção O Mundo da Criança



Fonte: O MUNDO DA CRIANÇA, foto da autora, 2019.

Ao apresentar a coleção materialmente composta em volumes, a editora Delta, que a adaptou, davam a sociedade o que para época configurava no mais inovador que se poderia oferecer ao público brasileiro em termos de cultura e formação educacional. No sentido de que para a época o mercado editorial se consolidava na publicação de coleções voltada para diversos públicos, e enciclopédias com assuntos variados.⁴

Conforme Nunes (2012), a publicação de enciclopédias no Brasil iniciou em 1939 com a tentativa de Mário de Andrade, em produzir algo brasileiro para um todas as classes, porém em um país com pouca cultura de leitura, massa analfabeta e ainda em busca de uma urbanidade moderna, a iniciativa não deu resultado imediato, pois a partir dessa ideia, “a *Enciclopédia Brasileira* de Alarico Silveira foi publicada em 1958, da letra A até Anzol-de-Tenda, com o apoio da Fundação Edmundo Bittencourt e do MEC – Instituto Nacional do Livro” (NUNES, 2012, s/p).

A produção, publicação e adaptações de enciclopédias passam a ser então promissora para a época, pelo seu caráter de informações variadas e científicas. Entre as principais publicações do gênero desse período no Brasil tem-se: A Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (1936 -1960), Enciclopédia Mérito (1959),

⁴A Editora Delta, também publicou a Enciclopédia Delta Larousse (1960) e a Enciclopédia Delta Universal (1980), ambas traduzidas e adaptadas da França e Estados Unidos, respectivamente. Em um período em que o Brasil buscava se afirmar política e culturalmente no mundo moderno.

Enciclopédia Delta Larousse (1960), e a famosa Enciclopédia Barsa (1964). Nas décadas posteriores, essas enciclopédias sofreram edições e outras vieram a ser publicadas devido a este modelo de impresso ser considerado um instrumento de conhecimento e pesquisa.

O aparecimento das enciclopédias gerais esteve, sem dúvida, ligado ao desejo que o homem sempre sentiu de ordenar o conhecimento, mas as enciclopédias modernas, que tiveram origem nas famosas enciclopédias surgidas no final do Século XVII, têm sido motivadas por um objetivo educacional (CAMPELLO, ANDRADE, MEDEIROS, 1993, p. 44).

Chartier (2002, p.20) argumenta que “a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de reconstituí-lo em memória e de figurá-lo tal como ele é”. Assim, não apenas o conteúdo da obra, mas seu aspecto físico, material compõe o valor dado a ela, pelos norte-americanos e posteriormente ao Brasil, de enciclopédia quanto a realidade da infância, e assim na publicação, divulgação e aquisição da coleção “O Mundo da Criança”.

Semelhantemente, Hall (2016) conceitua que “o sentido é construído pelo sistema de representação” que os sujeitos sociais compartilham por meio da cultura, de forma a atribuir aos sentidos valores comuns que unem grupos de pessoas pelos seus ideais compartilhados. Os livros assim assumem valor cultural de nobreza, intelectualidade e valor social distinto de cidadãos cultos.

Tomando como base esse conceito, a coleção “O Mundo da Criança”, e sua materialidade e conteúdo, tem representação cultural ao passo que representa como um objeto de valor distinto para a sociedade da época, evocando os valores de cidadão culto e formando crianças para essa finalidade. De modo a servir como um instrumento, que de fato é enquanto veículo de comunicação, para por meio da leitura, das imagens e das representações, de uma forma total, conduzir a infância aos padrões de conduta e de consciência que se pretende alcançar.

Isso é o que crianças aprendem e faz com que sejam não apenas indivíduos simplesmente biológicos, mas sujeitos culturais. Elas aprendem o sistema de convenções e representação, os códigos de sua língua e cultura, o que as equipa com uma habilidade cultural e permite que elas atuem como sujeitos culturalmente competentes. Não porque esse conhecimento esteja impresso em seus genes, mas porque elas aprendem suas convenções e, então gradualmente se

tornam “pessoas cultas” - ou seja, membros de uma cultura (HALL, 2016, p.43).

Considerando a afirmação de Hall, podemos atribuir à coleção “O Mundo da Criança” essa estratégia, uma vez que ela se configura para o público infantil e tem em seus dispositivos de suporte a finalidade de tornar a criança um ser cultural, que adquire conhecimentos e condutas para o comportamento civilizado perante a sociedade.

Na década de 1950-1960 no Brasil exibir uma coleção na estante de uma casa era um símbolo de ostentação, significava que a família era letrada e preocupava-se com a formação cultural dos filhos. Se a família tinha então uma biblioteca, essa ostentação era maior ainda, porque demonstrava certo padrão cultural, demonstrava elevado nível cultural que os distinguia da falta de civilidade.

As bibliotecas privadas tinham um espaço e exerciam uma função social importante. Na opinião de Chartier (2003), as bibliotecas eram antes de tudo, espaços para conservar os livros e textos, aliando a isso certa ostentação social. Ter muitos livros na sua casa poderia indicar sua condição financeira ou mesmo intelectual e assim, cobrir-se de status mesmo que no fim não fosse ler nem dois ou três daqueles livros. Os indivíduos apropriam-se do livro desviando sua função primordial de armazenamento de informação (CHARTIER, 2003, p. 196). Mas, a preocupação em demonstrar-se civilizado era mais importante.

Conceituar civilização é complexo, uma vez que a sociedade encontrava-se em constante transformação. No entanto, para a época é possível entender que civilização, ou ainda civilidade, estava ligado ao aspecto cultural que se pretendia estabelecer para a efetivação da República Democrática, de modo a associar a isso cidadãos que detinham conhecimento e postura moral.

A julgar pelo processo de industrialização que se estabelecia no período, pelo retorno à democracia na forma de governo, o crescente mercado cultural que vinha se estabelecendo pós Vargas, a mudança da Capital para Brasília, a busca de uma identidade nacional moderna estava se consolidando e com a busca de modelos europeus e americanos.

Sevcenko (1998) aponta que a época passava por intensas e rápidas mudanças, envolvida na tentativa de homogeneizar o Brasil aos avanços tecnológicos globais.

Pode-se assim compreender que formar o cidadão brasileiro em termos culturais para a época de industrialização e modernização da década de 1950 estava associado a civilizar sua conduta, comportamento social e cultural.

2.3. Apresentando a Coleção

A coleção “O Mundo da Criança” em sua versão brasileira assumindo as características e essência da versão norte-americana apropria-se da temática da infância em desenvolvimento, de forma a se compor por assuntos que abarcam o universo infantil e seu desenvolvimento na sociedade.

Nesse processo, ela se propõe a ser um material ou instrumento que acompanha o crescimento da criança e a auxilia na descoberta do conhecimento. Configurando cada volume ao que cada etapa da infância necessitaria, traçando um percurso de desenvolvimento e conhecimento acerca da vida, da sociedade e da cultura com um todo.

Esta coleção começa como deve, com uma série de pequenos poemas e cantigas, destas que as crianças adoram. [...] Lá vem um dia, porém, em que a criança emerge do mundo de símbolos e fantasias em busca da realidade imediata. Ela exige então a verdadeira história. [...] É então chegada a hora das biografias, Histórias e Ciência sob a forma de pequenos contos. Estes, entretanto, devem manter a atmosfera de romance e poesia, de sonho, dando ênfase ao dever, à honra e à verdade (O MUNDO DA CRIANÇA, v. 1, 195-, p. 3).

Seguindo essa fundamentação, os volumes 1 ao 11 estão inteiramente dedicados às crianças, ao seu manuseio e leitura, salvo situações em que os próprios pais leriam as histórias para as crianças ou fizessem a mediação de algum ensinamento proposto por ela.

Quadro 1: Volumes destinados a criança

Nº do Volume	Título	Temas por índices	Nº de Páginas
VOLUME 1	Poemas da primeira infância	Histórias da vovozinha	200
		O mundo que nos cerca	
		No mundo da fantasia	
VOLUME 2	Histórias contadas e outros poemas	Poemas de todo dia	200
		Poemas humorísticos	
		Histórias rimadas	
VOLUME 3	História de fadas	Histórias para crianças pequenas	240
		Contos populares e de fadas	
		Fábulas de Esopo	
VOLUME 4	Nossos amigos os animais e as aventuras	Animais amigos	235
		Rodas, asas e coisas reais	
VOLUME 5	A vida em vários países	Dias festivos	232
		Histórias para nossas crianças	
		Histórias de outras terras	
VOLUME 6	Grandes homens e grandes feitos	Aventuras de grandes personagens	203
		Histórias Bíblicas	
		Mitos e lendas	
VOLUME 7	A natureza	Animais de circo e de jardim de zoológico	335
		Animais dos campos e das florestas	
		Animais de estimação	
		Animais que trabalham para o homem	
		Nossas amigas as aves	
		Rãs, sapos e pererecas	
		Insetos e aranhas	
		Animais que vivem na água	
		Animais que vivem dentro da terra	
		Tartaruga, cobras e outros	
		Flores silvestres	
		Cultura de flores e legumes	
		Árvores, como crescem	
Glossário			
VOLUME 8	Aprendendo a brincar	Jogos para salão ao ar livre	304
		Brincando sossegadamente	
		Preparando um cantinho para você	
		Jogos para viagens	
		Planejando uma festa	
		À escolha de um passatempo	
		Organizando um teatrinho e dramatizando	
		Desenhando e pintando	
		Escrevendo nossos pensamentos	
Construção de brinquedos e material para jogos			

		Divirta-se cozinhando	
		Aventurando em trabalhos manuais	
		Fantoches e marionetes	
		Divirta-se cosendo	
		Construindo instrumentos musicais	
VOLUME 9	Ciência e indústria	Os seres vivos	288
		A Terra em que vivemos	
		O céu que nos cobre	
		As máquinas que usamos	
		Como a ciência e a indústria nos ajudam	
VOLUME 10	A arte ao alcance da criança	Por meio da arte, podemos representar as coisas que amamos, conhecemos e imaginamos	145
		Os artistas sempre tem feito suas obras para comunicar o que sentem e pensam	
		Com materiais diversos, também podemos fazer coisas muito diferentes	
		As formas das construções humanas	
		Vendo e descobrindo	
VOLUME 11	Música para criança	Como é divertido brincar com sons e ritmos	169
		Canções de ninar	
		Canções infantis	
		Cantigas de roda	
		Canções folclóricas	
		Canções para os dias festivos	
		Canções patrióticas	
		Os grandes compositores	
		Discos para crianças	

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

No Volume 3 encontram-se 11 fábulas de Esopo, 8 contos dos irmãos Grimm, 5 contos de Joseph Jacob, 3 contos de Hans Christian Andersen. Textos estes que configura o cenário da literatura infantil desde a época antiga e adentra às demais épocas até a contemporaneidade pelo seu caráter de em forma simples demonstrar às crianças valores morais e civilizados.

Dentre os textos publicados no Volume 3 estão os clássicos “Os três porquinhos”, “Os músicos de Bremen”, “O valente soldadinho de Chumbo”, “Rapunzel”, “A bela adormecida”, “Cinderela”, “João e Maria”, “A lebre e a tartaruga”.

Destinados aos pais em especial, os volumes 12 ao 15, tratam das relações familiares e almeja dar suporte aos pais à medida que seus filhos vão crescendo e se desenvolvendo. De forma que seus assuntos e temáticas estão relacionados

diretamente ao comportamento afetivo, psicológico e social da educação aos filhos no ambiente familiar.

Os volumes destinados aos pais foram desenvolvidos dessa forma por profissionais que trabalham na educação e no cuidado das crianças como professores, psicólogos e médicos.

Esses aspectos estão observados e presentes nas temáticas conduzidas pela Coleção nos volumes que apresentam a seguir:

Quadro 2: Volumes destinados aos pais e educadores

Nº do Volume	Título	Temas por índices	Nº de Páginas
VOLUME 12	Você e sua família	Compreendendo a si próprio	282
		Sua família no mundo atual	
		Aspectos do desenvolvimento infantil	
		Vivendo juntos em família	
		Relações entre crianças da mesma família	
		Dividindo alegrias e responsabilidades	
		Crises em família	
		Situações familiares especiais	
		Tornando mais feliz a vida em família	
VOLUME 13	Seu filhinho	O neném nasceu	315
		Lactente	
		A criancinha já aprendeu a andar	
		O período da escola maternal	
		O período de Jardim de Infância	
		Dificuldades normais da meninice	
		As primeiras experiências fora do lar	
		A saúde da criancinha	
		E agora, que é que vou fazer, mamãe?	
VOLUME 14	A escola na vida da criança	Adquirindo independência	323
		A personalidade continua a se formar	
		Crescimento e saúde	
		A escola na vida da criança	
		As crianças precisam criar	
		Ampliando os horizontes	
		Experiência longe do lar	
VOLUME 15	A criança no mundo moderno	O mundo chega até nossos filhos	192
		O "saber como fazer" no momento atual	
		Há novos problemas nos dias atuais	
		Convivendo com seus vizinhos	
		Pais em ação	

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Uma vez apresentada as temáticas da coleção em sua totalidade, observa-se em sua composição a presença de um discurso que prioriza a formação da conduta para o desenvolvimento do sujeito e sua prática social. Isso é observado também pela progressão em que se desenvolve a ordem da coleção, sendo explorada a leitura pelo próprio desenvolvimento do leitor.

Para compreender melhor a coleção “O Mundo da Criança” foi preciso um levantamento do panorama histórico e cultural do período no Brasil.

2.4. Panorama histórico e educacional no Brasil na década de 1950

O período que a publicação brasileira da coleção “O Mundo da Criança”, data de 1954 – 1959, compreendendo os exemplares de que temos em posse, para o desdobramento da pesquisa.

A década de 1950 no Brasil é marcada por uma continuidade das mudanças políticas e sociais advindas do contexto de turbulências em que Getúlio Vargas governou o país conhecido como a Era Vargas e Estado Novo, que se estende em relação ao período que esteve no governo do país de 1930 até 1954, ano de seu suicídio. Ressaltando que de 1945 a 1951, o Brasil foi governado pelos presidentes José Linhares e Gaspar Dutra, sucessivamente.

Compreender o contexto anterior a 1954 faz-se necessário, pois a década de 1950 no Brasil, principalmente os cinco últimos anos marcam uma retomada a democracia e mudança em vários aspectos aos setores da política, sociedade, economia, cultura e educação. De forma a estruturar-se como um terreno para a entrada do Brasil República na modernidade ocidental.

Conforme Sevcenko (1998, p.514) a transição dos séculos XIX para o XX ficou marcado fortemente pelas “mudanças vertiginosas dos cenários e comportamentos, sobretudo nas grandes cidades”. Esse era o sinal da modernidade com suas transformações e revoluções tecnológicas, e esse era o ideal de modernidade que o Brasil da década de 1950 almejava alcançar.

Gomes (1998) assegura que o período em que Vargas esteve no governo e mesmo durante seus sucessores, até 1956, o país estava sendo estimulado ao “espírito de nacionalidade”, o que efetivam as práticas do Estado Novo em se firmar

por meio das propagandas midiáticas e impressos a obediência civil para o bem nacional.

A luta pelas eleições representativas civis e participativa da população estava a frente como desejo democrático de equiparar aos outros países já desenvolvidos.

A 24 de agosto de 1954, a Presidência ficava vazia. Começava a marca da instabilidade com Café Filho e Carlos Luz. A interinidade de Nereu Ramos confirmava a insegurança do regime, praticamente sob intervenção militar. Foi nessas circunstâncias que se elegeu, a 3 de outubro de 1955, o novo presidente da República (SILVA, 2004, p.31).

Juscelino Kubitschek então assumiu o governo do país com o discurso do Plano de Metas que visava pôr o Brasil em crescente desenvolvimento industrial, tecnológico e, em consequência, econômico.

O então presidente tinha em mãos um país que em seus últimos anos fora governado por oligarquias, governo repressivo em certa medida por Getúlio Vargas e recente instabilidade política. O Brasil tinha o título de República Democrática, mas caminhava ainda para sua efetivação na política.

Em seu discurso de posse, no ano de 1956, Juscelino Kubitschek demonstra consciência do terreno político pelo qual o país enfrentava e o desejo de modernizar o país, pelo princípio da civilização.

Não duvidamos, mesmo nas horas mais difíceis, que o nosso país já estivesse amadurecido suficientemente para que as regras e fundamentos da moral e do direito resistissem a toda sorte de desregramentos da paixão. O ato de hoje, neste Tribunal, fortalece o princípio de que não vingam mais entre nós o arbítrio e de que a lei é forte. Só se podem incluir, aliás, no número dos países civilizados, aqueles em que as regras do jogo político são invioláveis, depois de aceitas (BRASIL, 2010, p. 9).

Em nível cultural a modernidade já havia ganhado o povo brasileiro desde o período varguista, pelo rádio, a televisão, os impressos e as músicas que embalavam a então capital, Rio de Janeiro. Conforme ressalta Sevckenko (1998, p.611) a modernidade alcançou toda a população em “proporções imensamente desiguais”, mas fato é que a década de 1950 foi um período para o Brasil em que os tempos modernos definiam sua busca pela democracia no viés dos ideais da modernidade.

Paralela a toda essa descontinuidade e transformações no campo político e cultural, a educação também se estrutura para mais uma vez renovar suas práticas e política, para isso se reúne novamente os signatários da Educação Nova do movimento de 1932 para uma avaliação e denúncia de que a educação, em quase três décadas, nada ou pouca coisa avançou com o ritmo social que almejava o país.

Nesse contexto ainda, os signatários do *Manifesto dos Pioneiros de 1932*, que defendiam a escola pública e o ensino de qualidade, retorna com um novo documento, em 1959, o *Manifesto dos Educadores Democratas em Defesa do Ensino Público*, com a distinção “Mais uma vez convocados”, seguindo os mesmos princípios de 1932, alegando que os problemas educacionais de ordem governamental pública não haviam sido superados.

O documento “Mais uma vez convocados”, de 1959, reconhece essa instabilidade que marcou o país e afirma que por meio dela o sistema educacional ficou a desejar sobre as propostas que o primeiro manifesto elaborou ao apontar que “A organização do ensino é má, arcaica e, além de antiquada, deficiente a tantos respeitos” (MANIFESTO DOS EDUCADORES DEMOCRATAS EM DEFESA DO ENSINO PÚBLICO, 1994, p.275).

Uma vez que a descentralização da educação proposta foi aceita na Constituição de 1934, suprimida pelo Estado autoritário de 1937 e novamente restabelecida na Constituição do regime democrático de 1946 (MANIFESTO DOS EDUCADORES DEMOCRATAS EM DEFESA DO ENSINO PÚBLICO, 1994, p.281).

É possível perceber que o país avançava em direção ao desenvolvimento industrial, mas o preço aos investimentos para essa nova estrutura foi caro à educação, que ficou estagnada ou ainda em segundo plano no processo de democratização da sociedade.

Se se considerar, ainda, que ultrapassa de 50% da população geral o número de analfabetos no País e que, de uma população em idade escolar (isto é, de 7 a 14 anos) de 12 milhões de crianças, não se matriculam na escola senão menos da metade ou, mais precisamente, 5.775.246, nada será preciso acrescentar, pois já se terá, com isso, um quadro sombrio demais para lhe carregarmos as cores e desolador demais para nos determos na indagação melancólica de outros fatos e detalhes (MANIFESTO DOS EDUCADORES DEMOCRATAS EM DEFESA DO ENSINO PÚBLICO, 1994, p.276).

Ao atribuir à educação pública essa falta de crescimento e desenvolvimento, o manifesto explora as razões e contexto do qual, por parte do governo, a situação chegou ao descaso em 1959, ao elencarem tais evidências-se que a urbanização, o crescimento rápido, em 30 anos, das cidades brasileiras, a industrialização e os fatores sociais, econômicos e culturais advindo dos primeiros, resultaram na falta de qualidade da educação pública (MANIFESTO DOS EDUCADORES DEMOCRATAS EM DEFESA DO ENSINO PÚBLICO, 1994).

Diante desse panorama político, social e educacional, percebe-se que tanto a estrutura da sociedade em termos de política e organização, como a estrutura dos indivíduos, cidadãos que a ela pertenceu, passaram por alterações, que em uma relação de interdependência configuraram o que, para os tempos atuais, denomina-se de democracia.

A organização da sociedade brasileira em uma democracia legitimada na década de 1950, pela política do então presidente Juscelino Kubitschek, e os que o sucederam, deu a esse contexto o reconhecimento de uma sociedade democrática moderna, com liberdade de pensamento, avanço tecnológico e industrial e uma cultura toda voltada ao mundo moderno em seus diversos aspectos sociais. Tanto a sociedade quanto o indivíduo passavam por um período de reafirmação, deslocamento e identidade.

Em conformidade com esse aspecto e utilizando da teoria dos processos civilizadores desenvolvida por Norbert Elias, é que se compreende que a aprendizagem de novos comportamentos, a efetivação de um padrão de condutas, regras e moral se faz necessário para a consolidação desse ideal. Como nos esclarece Brandão.

Como a democracia moderna é resultado de transformações históricas nas estruturas das sociedades e essas transformações estão articuladas com as alterações nas estruturas de personalidades de seus indivíduos, o caminho para a efetivação de um regime democrático exige que esses indivíduos aprendam 'novas técnicas e aptidões sociais' e adquiram uma maior 'capacidade para formular opiniões e juízos próprios' (Elias, 1997b: 303), interligando, assim, intrinsecamente, democracia moderna e educação (BRANDÃO, 2003, p.116).

Correspondente a isso é que identificamos a coleção "O Mundo da Criança" como veículo de comunicação mediadora nesse processo de civilização para a democracia, da sociedade brasileira para a década de 1950, auxiliando na formação

de conduta, bons modos do infante, por meio do controle das emoções e da prática da moral e do comportamento adequado.

Nesse sentido, podemos considerar que coube a cultura escrita, como também ao impresso, nesse período da história do Brasil, ambos desempenharam a função educativa contribuindo na formação moral das crianças, como pode ser contemplado na coleção “O Mundo da Criança”.

3. O IMPRESSO COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO

A perspectiva do impresso como uso para a formação de uma consciência moral amparada pelo comportamento social adequado às diferentes épocas e transformações da sociedade, em diferentes esferas, é uma construção cultural por meio da representatividade que ele pode dar-se a apropriação.

Dentro do campo da História Cultural e da pesquisa em fontes como o impresso, nota-se a sua presença em diferentes perspectivas e análises. Pois o impresso ao servir como objeto de análise, proporciona uma volta ao passado, e a possibilidade da averiguação de questões que fundamentaram ou não, a prática social dos sujeitos, e assim, da própria humanidade. A fonte impressa, dessa forma, traz à tona aquilo que a historiografia busca por contar.

Recriar o passado de forma a manter o rigor necessário à operação historiográfica, sem se deixar seduzir pela possibilidade de realizar uma assepsia a que um dia exalou o odor da putrefação, é desafio que ensina o pesquisador a mergulhar na aparente inocência das fontes, para encontrar a desordem, os limites de uma oscilação, o instante de funcionamento irregular, a delimitar os domínios possíveis da pesquisa histórica (RODRIGUES; BICCAS, 2015, p.152).

Dessa forma a coleção “O Mundo da Criança” estrutura-se, nessa análise, para essa finalidade, compreendendo-o como veículo de comunicação considerado nobre, dentro da categoria de literatura infantil, com o intuito de identificar vestígios de um manual de boas maneiras e mais especificamente para a sociedade brasileira do período de modernização, no fim da década de 1950, como suporte para essa manifestação social que pretendia se efetivar.

Chartier (2001) nos leva a reflexão sobre a manifestação do impresso no ambiente social de transformação, a fim de constituí-lo como um dos objetos da cultura escrita que podem expressar ou encaminhar para a historiografia, os desdobramentos que possibilitaram as descontinuidades de uma ordem social para outra, a partir do momento em que o historiador em seu ofício se permite questionar o impresso.

Tendo em vista o momento social do Brasil na década de 1950, é possível perceber que a coleção “O Mundo da Criança” serviu à sociedade, de forma

consciente ou não, para a formação de uma população civilizada, como modelo de conduta, para quem a utilizava. Pode-se constatar isso, de acordo com “A Exposição do Livro Brasileiro Contemporâneo”, organizada em 1957, para a ocasião do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, onde a coleção “O Mundo da Criança” foi inserida na categoria literatura infanto-juvenil (p.20), de relevante importância, ao que se apresentava a então exposição do livro.

Nenhum momento mais oportuno para apresentar esta mostra da atividade editorial do Brasil do que este, em que o III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros reúne, em Lisboa, eminentes pesquisadores de todo o mundo, interessados no conhecimento de nossas formas culturais. Embora lacunosa, ela pretende dar uma idéia da editoração privada e oficial e de seus progressos no Brasil de nossos dias, reflexo do surpreendente desenvolvimento material e da intensa atividade intelectual do país, nos últimos anos (A EXPOSIÇÃO DO LIVRO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO, 1957, p.8).

A exposição rendeu um livro catalográfico onde se encontram as obras e a produção literárias brasileiras que influenciaram culturalmente a história do Brasil. De modo a demonstrar assim seu acervo e sua preocupação com a cultura literária do povo em um período de afirmação para o mundo moderno.

Norbert Elias (1994) por meio de sua teoria do Processo Civilizador nos apresenta que a civilidade é um conceito complexo, tendo em vista que a civilização, ou seja, a sociedade cultural e politicamente constituída ao longo do tempo passa por alterações, modificações estruturais ligadas ao conhecimento que o homem adquire e acumula em seu processo de desenvolvimento.

Diante disso, ser civilizado é um conceito estritamente ligado ao processo de conhecimento da humanidade. Tomando como exemplo os escritos de Erasmo de Roterdã, no século XVI, em especial “Civilidade Pueril” como o primeiro manual de carácter pedagógico que inaugura um ensino de boas maneiras e conduz o ensino da civilidade para crianças, como um marco da modernidade e do humanismo (CUNHA, SANTOS, 2017), nota-se que o ensino da moral e dos bons costumes corresponde ao que Elias chama a atenção ao processo de que cada sociedade produz em seu tempo histórico um determinado comportamento civil.

O termo civilização assim sofre diferentes significados para diferentes culturas, época e grupos sociais. Devido a isso é de importante necessidade

compreender o terreno histórico, social e cultural de onde se pretende explorar o termo civilização.

Toma-se como referência para essa análise da Coleção “O Mundo da Criança”, em sua versão brasileira para a década de 1950, o conceito que Norbert Elias (1994, p.23) apresenta:

O conceito de “civilização” refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. [...] este conceito expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo.

Consoante ao que apresenta e conceitua Elias, é que se concorda que o período republicano democrático e industrial pelo qual o Brasil da década de 1950 buscava retornar ao ideal de modernidade que por hora já estava estabelecido nas sociedades desenvolvidas como Europa e Estados Unidos, de onde foi traduzida e adaptada a Coleção “O Mundo da Criança”.

O discurso presente nos textos da Coleção e na escolha dos textos reproduzidos e adaptados faz referência às formas de condutas, de maneira implícita e explícita, não demonstrando uma imposição ou coação, uma vez que a Coleção é de consumo particular e não público. Mas é inegável seu caráter formador de civilidade.

Pela própria ação da Coleção ser uma obra de origem norte-americana, configura-se aqui um padrão de civilidade pretendido, um modelo social e cultural capaz de formar cidadãos a partir de um ideal, não referente a classes ou contexto econômico, mas culturalmente moral.

Sendo a Coleção destinada ao público privado, ou seja, não escolar e diretiva do Estado, é possível inferir que o impresso foi adquirido por leitores e pais que se direcionaram a busca de uma formação cultural que ressaltava uma formação extraescolar, auxiliando na própria formação do indivíduo e não apenas educacional.

Incorpora nos indivíduos controles sobre seus comportamentos e condutas, que reforçam o umbral do pudor, [...] também neste caso, se produz apoiando-se na cultura escrita, pois por meio dos textos se definem as novas formas, desde Erasmo até os tratados de boas maneiras dos séculos XVII, XVIII e XIX. Se há uma incorporação, uma internalização das normas por meio da experiência imediata, é porque se utilizam os livros impressos; por um lado os tratados de boas maneiras, e por outro os manuais escolares, a fim de impor “ditas” regras de comportamento (CHARTIER, 2001, p.65).

Semelhantemente, Kant (1999), ainda no século XVIII, argumentou que a educação moral pertencia à cultura e quanto mais cedo educar os homens, logo na infância, é condição para uma sociedade melhor, reconhecendo que o homem é o único ser racional e que precisa receber educação, pois sua natureza não o confere isso de forma inata. Para o filósofo, o ensino da moralidade, dos valores éticos seria responsável para a formação do homem nobre. De modo a considerar que “O primeiro esforço da cultura moral é lançar os fundamentos da formação do caráter” (KANT, 1999, p. 76).

Com a revolução do livro, sua materialidade e distribuição, o impresso tornou-se um importante instrumento capaz de carregar os valores e ensinamentos que os homens ao longo dos processos históricos e culturais anseiam transmitir às gerações que vão surgindo. A seguir discutiremos a fertilidade das coleções no Brasil.

3.1 A expressividade das coleções no Brasil

Nas duas primeiras décadas do século XX o impresso no Brasil se tornou um bem de consumo e de comércio de destaque e estabilidade econômica para quem produzia e um bem cultural para aqueles que consumiam, pela variedade de formas, como os jornais e as revistas que ganham públicos cada vez mais específicos e nesse caminho publicam assuntos dos mais diversos possíveis.

Com essa intensidade de produção e publicação a imprensa é destacada como veículo de comunicação de ideias, valores, informações e acontecimentos relevantes à uma população que se constituía democrática. Cohen (2015, p.110) chama atenção de que “a questão da nacionalidade esteve presente nas revistas lançadas pelas vanguardas modernistas durante os anos 1920”, reafirmando ser o impresso um importante meio de divulgação de uma identidade nacional que se pretendia formar almejando a modernidade.

Desse contexto de publicações do início do século XX no Brasil, o consumo dos impressos, em geral os jornais, folhetins e revistas avança pelas décadas a frente como propagação de um ambiente em constante transformação sociais, políticas e culturalmente envolvida nas manifestações do pensamento nacional.

Os desdobramentos das décadas seguintes marcadas pela industrialização e o crescimento da economia capitalista, formação de novos grupos sociais, ampliação da vida urbana, propagação do ideário democrático e liberal, estruturação do núcleo familiar e a reforma da escolarização, contribuíram para a expansão dos jornais e impressos em geral como ainda para a formação do cidadão leitor (Hohlfeldt, 2010; Laurenza, 2015).

Nesse contexto, a produção em torno de coleções ganhou fôlego e, de 1920 em diante, pode-se observar considerada publicação delas para diversos públicos e grupos sociais, diferentes temas e abordagens, com a intencionalidade da formação e divulgação da nacionalidade.

Carvalho (2013, p.43) contextualiza e afirma que na década de 1920 se consolida no Brasil a modalidade de impressos caracterizados como manuais de conduta, primeiramente para educadores, nos cursos de Pedagogia, substituindo um único livro de ensino e posteriormente, alcança o mercado editorial e torna-se uma modalidade de produção e publicação destinada a vários públicos no país.

Com a Era Vargas é conhecido que grande parte, se não todas as publicações voltavam-se para sua campanha de nacionalidade, determinada ditadura e censura do que imprimiam e expressavam os impressos, bem como todo veículo de comunicação, rádio, televisão e imprensa. Com a criação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), em 1939, esse mecanismo de controle ficou ainda mais subordinado ao governo.

Percebe-se o lugar estratégico ocupado pelo DIP, máquina de coerção e propaganda do Estado Novo, que mantinha estrito controle sobre a vida cultural do país e determinava seus rumos. O domínio dos meios de comunicação era de fundamental importância tanto para cercear a divulgação daquilo que não fosse de interesse do poder, quanto para enfatizar as realizações do regime, sua adequação à realidade nacional e para a promoção, pessoal e política, da figura de Vargas. (LUCA, 2006, p. 2).

No entanto, foi a partir desse período e contexto que coleções diversas começaram a ser produzidas e consumidas especialmente pela comunicação das atividades políticas e sociais desse período de reafirmação da república democrática brasileira e de um Estado Novo.

Mas, de forma enfática, as editoras brasileiras lançam ao mercado de consumo a publicação de coleções, ou também conhecidas bibliotecas. Livros

organizados em forma fragmentada, que abordam assuntos variados, mas focados em uma única temática ou para um público específico. Como no caso da coleção aqui analisada.

Esse mercado de consumo cresce e se multiplica no Brasil por ter como característica o baixo custo dos livros, pois para cada coleção era lançada um volume de cada vez, pela continuidade dos assuntos e por representar ao leitor a valorização de sua cultura ao se apropriar de uma biblioteca particular e do conhecimento, ainda que superficial, de assuntos diversos, como cultura, política, educação, entretenimentos e tantos quantos as editoras produzirem.

Dentre essas coleções destacam-se: Biblioteca Pedagógica Brasileira e Brasileira, ambas pela Companhia Editora Nacional (1920-1970), constando como editores Fernando de Azevedo, Monteiro Lobato e Octalles Marcondes Ferreira; Biblioteca Infantil, Biblioteca de Educação pela Companhia Editora Melhoramentos de São Paulo conhecida também como a editora dos irmãos Weiszflog (1920 – até os dias atuais), sendo Lourenço Filho, editor principal, que privilegiou nessas duas coleções a literatura infantil, como expõe Soares (2010, p.162) “na perspectiva do educador, a literatura infantil tinha um papel a cumprir que era complementar àquele desempenhado pela escola, por si só insuficiente para a formação integral do homem”.

Referente às coleções lançadas no início do século XX, a Editora da Livraria do Globo estimulada pelo “processo novo que, ao privilegiar o livro, fazia aparecerem casas editoras, oficinas e capitais disponíveis para esse ramo de atividades” (Torresini, 2010, p.249), lançou ao mercado a partir de 1934 diversas coleções abordando áreas múltiplas do conhecimento, mas destacamos a Coleção Amarela (1931-1949) caracterizada pelas edições baratas, compostas por autores norte-americanos, com assuntos voltados para o entretenimento.

Somam-se também ao destaque das publicações de coleções a editora Civilização Brasileira (1952-1982), a qual publicou coleções de caráter ecumênico, nas diferentes áreas da sociedade desde saúde e cultura até política e economia (Bragança, Abreu, 2010).

É nesse contexto de expressividade à publicações de coleções para públicos diferentes, abordando temas e variadas áreas do conhecimento e da cultura, alcançando os mais diversos gêneros textuais e modalidades de literaturas que na

década de 1950, a coleção “O Mundo da Criança” é publicada e consumida no Brasil.

Em boa parte das coleções mencionadas e destacadas observa-se, por meio das pesquisas realizadas sobre as mesmas, que faziam referências à nacionalidade, identidade nacional, formação do cidadão civilizado e, marcando as cinco primeiras décadas do século XX, objetivam elevar o país para um nível de modernidade desenvolvido e estimulado pela Europa e Estados Unidos (Bragança e Abreu, 2010; Martins e Luca, 2015).

Cohen (2015) expõe que o início do século XX foi marcado nos impressos como um esforço para formar uma sociedade moderna, conforme o processo de industrialização pela qual passava, alcançando até mesmo o mercado editorial. Nesse sentido o público a quem se direcionava as publicações deveria também se expandir, tendo em vista que o analfabetismo no Brasil ainda se configurava como um problema social e “um ideal caro aos republicanos, a conjuntura socioeconômica faz com que o número de leitores se amplie” (p.105).

De forma a estimular a leitura pelo trajeto de assuntos que atraíram os sujeitos ao interesse do conhecimento, e assim enriquecendo a cultura escrita brasileira nas diferentes abordagens das coleções e impressos.

3.2. O Sujeito Infante e “O Mundo da Criança”

Ao analisar a infância pós-modernidade, Bujes (2002), identifica modelos em documentos nos quais delimitam a formação moral e comportamental da criança, no desenvolvimento de sua infância. Assim a autora apresenta-nos três dimensões de juízo de si mesmo, as quais estão expostas as crianças, que alerta para com o desenvolvimento moral da infância, sendo essas: “jurídica (baseada na lei), normativa (baseado na norma), ou estética (baseada em critérios de estilo)” (BUJES, 2002, p. 34). Ao associar esse referencial à coleção “O Mundo da Criança” recorreremos às dimensões normativa e estética, visto que para a época de 1950, ainda não se tinham leis que regulassem a conduta moral da infância, ao menos com a veemência do final do século XX⁵. De modo que a coleção “O Mundo da

⁵ O Estatuto da Criança e do Adolescente, onde encontra-se toda legislação referente ao comportamento da criança, seus direitos e deveres, foi promulgado em 13 de julho de 1990. Anterior

Criança”, dentre outras, se dá esse propósito de, por meio de normas de condutas e ao padrão estético, correspondente a ideal moderno, estimular as crianças ao estilo de vida social civilizado adequado ao discurso que compreendiam.

Para tanto, ao compreender tais referenciais, e ao analisar da extensão da obra completa, em seus 15 volumes, essa pesquisa se limita a focalizar maior atenção e análise, aos onze primeiros volumes, destinados à criança em seu período de desenvolvimento infantil, de maneira a considerar e argumentar a infância como categoria social, que se desenvolve em processos de aprendizagem cultural e social a fim de formar sujeitos com padrões de comportamentos, pré-estabelecidos por aqueles que têm o poder do discurso, via impresso.

Ao conceituar a infância, como categoria social construída por cada modelo de sociedade, histórico e cultural, Rodrigues (2010, p.17), corrobora com a concepção de Postman (1999), esclarecendo e lançando luz ao questionamento referente às noções que a sociedade categoriza ao ser infantil. Destarte, quando compreende-se que a infância surge com o aparecimento da prensa (POSTMAN, 1999, apud RODRIGUES 2010), ao separar os conteúdos propriamente circulados para adultos e criança, ao mesmo tempo em que preocupa-se com a alfabetização e a leitura da criança, então distingue-se aqui o que é o sujeito infantil. E passa-se a desenvolver a noção do que se poderia produzir à esse sujeito, para que viesse a ser um adulto, digamos, qualificado para a sociedade.

Embora Postman, em sua obra *O Desaparecimento da Infância* (1999), discorra sobre como a infância, em sua concepção, significação e apropriação, foi surgindo e desaparecendo, pelo surgimento de novas tecnologias, novas formas de relacionar-se e pela cultura social, permanecemos com essa primeira evidência da prensa, uma vez que o objeto de pesquisa seja um impresso direcionado exclusivamente ao mundo infantil, e nele encontra-se uma linguagem própria a criança.

Se considerarmos que a infância, ou seja, sua concepção de categoria social, surge com a prensa e suas designações e limitações ao que pertence ao mundo adulto e ao mundo infantil, o objeto “O Mundo da Criança”, apropria-se dessa natureza para, e por meio desse instrumento operar para a formação das condutas, comportamentos e emoções do sujeito infantil, recolocando ele no lugar que por hora

a essa lei, não houve outras que manifestasse o que considera-se uma conduta moral, um dever cívico à criança, de forma específica.

a modernidade, quer conservar, como sujeito que posteriormente irá atuar na sociedade, que almeja-se civilizada, “Compartilham da ideia de que a infância que conhecemos não é um dado atemporal, mas uma invenção/fabricação da modernidade” (RODRIGUES, 2010, p.15).

Ao atribuir esse sentido à infância, vê-se na coleção “O Mundo da Criança”, um significante moderno que prescreve conservar os valores sociais considerados cultos e civilizados. De modo, que ao materializar em textos, literatura, imagens, e figuras os bons costumes que a sociedade moderna deseja imprimir no homem que se quer seja modelo de conduta adequado aos termos da boa educação e dos bons costumes.

Em consonância, para Norbert Elias, a formação da conduta por meio do Processo Civilizador, é a maneira da sociedade buscar a civilidade dos indivíduos como sujeitos participantes desse processo, moldando assim desde a infância um comportamento adequado para os bons modos.

A estabilidade peculiar do aparato de autocontrole mental que emerge como traço decisivo, embutido nos hábitos de todo ser humano ‘civilizado’, mantém a relação mais estreita possível com a monopolização da força física e a crescente estabilidade dos órgãos centrais da sociedade. Só com a formação desse tipo relativamente estável de monopólios é que as sociedades adquirem realmente essas características, em decorrência das quais os indivíduos que as compõem sintonizam-se, desde a infância, com um padrão altamente regulado e diferenciado de autocontrole; só em combinação com tais monopólios é que esse tipo de autolimitação requer um grau mais elevado de automatismo, e se torna, por assim dizer, uma ‘segunda natureza’ (ELIAS, 1994, p.197).

Concomitantemente, porém em outros termos, Foucault (1987) discute sobre a disciplina e seu poder nas relações constituídas pela sociedade moderna, ou seja, através das instituições oficiais (penitenciárias, casas de reclusão, hospitais, escolas, entre outros), como também na família, ambiente de primeiro e constante ensino sobre a conduta e a disciplina.

Ao denominar como disciplina, o que o autor chama atenção é para o fato de quem disciplina, detém por consequência uma relação de poder com quem está a ser disciplinado, configurando assim, essencialmente uma relação social focalizada do poder de disciplinar conforme moldes pré-estabelecidos historicamente. Assegurando que a disciplina “não pode se identificar como uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo” (FOUCAULT,

1987, p.177), interpreta-se assim que, ao deter o poder da disciplina, cria-se, produz e reproduz mecanismos de controle e meios de veiculação para a finalidade de adequar comportamentos desejados.

Nesse sentido, verifica-se que a coleção “O Mundo da Criança”, em seu corpo documental, apresenta características que evidenciam a formação desse padrão regulador que disciplina a emoção, e produz o autocontrole, servindo então como mecanismo de poder, na medida em que elucida os bons modos e a boa conduta para a criança, na infância, considerando o período de formação do sujeito social. Assim ordenamos em categorias, o que possivelmente, a coleção explorou para a formação dessa conduta civilizada, que por hora reconhecemos como espaços, ou seja, as figurações sociais (ELIAS, 1994), de que se apropriou a coleção, para operar na formação desses conceitos para a criança, sendo esses: o brincar, a conduta e comportamentos, boas maneiras e o controle das emoções, explorados por meio de poemas, fábulas, imagens e ilustrações. Estas categorias dentro de um campo mais amplo, o qual configuramos como o campo das sensibilidades.

3.3. O ideal de modernidade presente na Coleção

Tomando como referência e análise, para valor de reflexão, os usos do impresso no Brasil desde sua chegada historicamente 1808, e seu desempenho ao longo do século XIX, por meio da própria criação nacional posterior a Independência, nota-se a bagagem cultural que a imprensa brasileira se apropriou do mundo moderno.

Morel (2013) ao explorar os primórdios da imprensa e sua efetivação enquanto veículo de comunicação nacional contextualiza essa movimentação histórica da qual “as mutações culturais vindas com a manifestação da modernidade política ocidental” configuraram e consolidaram os atores sociais da imprensa brasileira.

Compreende que diante de transformações pontuais pela qual a história brasileira, ou ainda América Portuguesa, vinha se formando, os periódicos, folhetins, livros, variadas expressões da imprensa forneciam campo social e cultural para que própria formação do cidadão brasileiro. Diante das transformações políticas de Reino

à República democrática, os vestígios e influências passavam pelas linhas da cultura escrita.

Os impressos viajavam, transpunham mares e faziam “viajar” seus leitores. Nota-se, aliás, na ampla tradição da literatura de viagens a conotação de descobrimento, de busca de conhecimento (e de apropriação) do outro, do diferente. A tênue fronteira entre o exótico e o exato, entre o igual e o semelhante. Navegantes, negociantes, emigrantes, cientistas, turistas, estadistas, militares e militantes – viagem implica contato, em marcar e ser marcado. A viagem desloca o tempo histórico e desvela a pluralidade de tempos de uma época. Ainda mais para os viajantes que transpõem fronteiras em contato com revoluções: impressos proibidos ou desconhecidos, palavras mobilizadoras, recursos, armamentos e munições, sementes, exemplos e lições (MOREL, 2015, p.38).

A essa noção emblemática se assemelha duplamente a Coleção O Mundo da Criança, primeiro ao fazer da literatura uma viagem ao conhecimento e ao ser o conteúdo adaptado promove a apropriação de um modelo externo que em simbiose com a cultura nacional propicia a formação de ideais, pensamentos, condutas e o cidadão novo, que a sociedade da hora pretende formar.

O contato e a apropriação do impresso enquanto conteúdo de discurso tem intencionalidades capazes de transmitir valores e ideias visando a formação do indivíduo leitor, que a toma para si como um produto de conhecimento e valor cultural.

Os valores que a modernidade expressou em seus termos amplos e difusos ao mundo ocidental privilegiaram essencialmente um cidadão, indivíduo culto e ser social adaptado as mudanças de pensamento que a Revolução Francesa trouxe como forma de liberdade da razão ou manifestação da razão.

Associado ao movimento histórico do Brasil, sua própria constituição se dá nesse ambiente envolto das transformações modernas que consolidaram as bases de uma organização social e política da formação de um sujeito social, ético, moral, patriota e, sobretudo intelectual.

Dessa forma o período da década de 1950-1960 pode ser compreendido como uma retomada a este ideal moderno de civilização que se pretendia renovar no Brasil.

É necessário considerar que ao atribuir a busca pelo ideal de modernidade, dos princípios que abriram essa marca na temporalidade da História, sendo a

liberdade, igualdade, a democracia e a razão como a autonomia do indivíduo, que cada tempo “re-significa” esse ideal (Rossi, 2005), amparado pelo movimento cultural de que se dispõe em seu contexto, conferindo outros sentidos aos ideais, mas essencialmente se apropriando deles.

A Coleção expressa essa busca por esse ideal ao seu valor enciclopédico de que apresenta uma variedade de textos e contextos que mais do esboçar, reforça em amplos sentidos a literatura clássica infantil por meio de contos, poemas e fábulas, textos científicos, de divulgação e ensino da nova tecnologia da época, a cultura nacional e de outros países que exploram a forma de vida, históricos e biográficos, além do ensino pedagógico e psicológico aos pais e educadores.

Tais características evocam um retorno aos bons costumes, às boas maneiras, às formas de civilidades e aos valores morais perante a sociedade visando o bem comum.

4. CATEGORIAS DE ABORDAGEM DA COLEÇÃO

A historiografia, especialmente, voltada ao impresso, registra e situa-nos que a leitura como adequada para aqueles que detinham senso de inteligibilidade, autoridade social e poder político. Ficando restrita por muito tempo aos religiosos, que asseguram ser essa prática um risco para a população que não tinha conhecimento aprimorado.

Com o movimento da história, suas transformações, culturas, reformas e revoluções, esse entendimento da leituras no mundo moderno, ganha novas perspectivas e acessos. Chartier (1998) ao tratar da revolução do livro e propriamente da leitura e do impresso, contextualiza essas transformações de práticas e materialidade no decorrer dos séculos XIX e XX, em conformidade a essa reflexão nota-se que por meio das mudanças sociais e culturais uma nova mentalidade a respeito da leitura surge.

Dessa forma, a prática da leitura passa a ser vista como uma prática culta e de poder, os livros ganham status de privilégios e conferem a seus leitores e consumidores um certo poder do conhecimento. Conforme Foucault “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (1996, p.10).

Mas não perde de todo a autorização à sua leitura. Por outras vias, como a censura, a permissão de publicação, a análise de conteúdo, preços e fatores diversos, a leitura ainda é objeto de atenção para quem e o que se deve ler.

Essa configuração social no século XX passou em certa medida para a escola, que em seu material didático selecionava, ou ainda seleciona, os textos e leituras extras para o aprendizado da criança. Vale observar que a escolha de textos aqui não está em julgamento quanto ao seu conteúdo como forma de controle social, como na Idade Média, pois não se enfatizará os conteúdos de textos didáticos.

Os assuntos abordados em impressos tem um importante registro histórico a respeito da vivência social e cultural dos períodos de outra época como também da compreensão dos valores e conceitos que trouxeram o desenvolvimento da sociedade até a época presente. De modo a considerar assim que passado e presente encontram-se interligados em uma mesma reflexão.

Dentre os vários assuntos e temáticas exploradas na coleção “O Mundo da Criança”, o que se evidencia pela obra é seu valor cultural, permitindo a análise de

um determinado comportamento ou ainda a formação desse comportamento por meio de uma obra impressa, não oficial em termos do poder público, e não escolar.

O interesse da memória coletiva e da história já não se cristaliza exclusivamente sobre os grandes homens, os acontecimentos, a história que avança depressa, a história política, diplomática, militar. Interessa-se por todos os homens, suscita uma nova hierarquia mais ou menos implícita dos documentos [...] (LE GOFF, 1990, p.541).

A coleção explora, especialmente, temáticas referentes ao que o próprio título recebe o nome, o mundo da criança, abordando os conteúdos como natureza, ciência e tecnologia, de maneira a conduzir os assuntos em uma linguagem voltada às crianças, com exceção aos cinco últimos volumes que tratam sobre o desenvolvimento infantil e estão dirigidos especificamente aos pais e educadores. Servindo de auxílio extraescolar, para as crianças em idade escolar, como de entretenimento para os mais novos, pelas primeiras leituras em torno de poemas, fábulas, contos e narrativas curtas de histórias de imaginação.

Pela abordagem e temáticas dos volumes da coleção, é possível identificar que ao apresentar os textos, explorar os assuntos e imagens, a coleção busca por formar um cidadão moral, com uma conduta ética para com a sociedade. Diante disso nota-se que se efetiva, o que Norbert Elias define como “Processo Civilizador”, por meio das categorias sociogênese e psicogênese, em que tanto as transformações pelas quais a sociedade, em sua estrutura, passou, quanto pelas implicações que tais transformações influenciaram na mudança de comportamento, conduta e moral dos indivíduos que a ela se vinculou.

Em meio a essa interdependência entre sociedade e indivíduos, as relações sociais, culturais e a dinâmica de uma vivência em torno das mudanças advindas do efeito tardio da Revolução Industrial, que chegou ao Brasil nas décadas de 1940-1950, o comportamento como cidadão precisaria também de uma adaptação, para compor um padrão civilizado.

A “civilização” que estamos acostumados a considerar como uma posse que aparentemente nos chega pronta e acabada, sem que perguntemos como viemos a possuí-la, é um processo ou parte de um processo em que nós mesmos estamos envolvidos. Todas as características distintivas que lhe atribuímos – a existência de maquinaria, descobertas científicas, formas de Estado, ou o que quer que seja – atestam a existência de uma estrutura particular de

relações humanas, de uma estrutura social peculiar, e de correspondentes formas de comportamento (ELIAS, 1994a, p.73).

Assim, a fim de acompanhar as mudanças e preparar um cidadão dito civilizado, para essa nova forma de vida social, a coleção por meio de sua estrutura textual e material, almejou disciplinar as crianças para os bons modos visando uma conduta apropriada para a vida em família, em sociedade e para o bem da nação.

Apesar de seguir uma sequência que valorize o crescimento da criança, em toda a coleção é possível notar um caráter civilizador, quando por meio da literatura escolhida, aborda sentimentos de respeito, solidariedade, obediência, cuidado e extrapola na abordagem da cultura e ciência, que auxilia na busca pelo desenvolvimento do cidadão, com base na ideia moderna do século XX e na sociedade brasileira de então.

Dentre as possibilidades da formação da conduta, o controle das emoções, das pulsões instintivas, tanto físicas como emocionais, é fundamental para a formação do cidadão civilizado, a fim de que internalize os códigos sociais, regras, comportamentos éticos que evidenciem a prática de civilidade, correspondente assim às maneiras do dever ser. Nas palavras de Brandão (2003, p.103) “o problema central a ser resolvido pela educação em uma civilização que está em mudança rápida e contínua, constitui-se na transformação, em relação ao indivíduo, da autoridade externa em autoridade interna [...]”.

Nesse sentido, a educação, não informal, presente na coleção “O Mundo da Criança”, constituía-se por dar um suporte à criança de autocontrole em suas emoções e práticas sociais, ao demonstrar por meio de fábulas, poemas e imagens como deveria se portar e ter bons modos, de acordo com uma sociedade dita civilizada.

Chartier (1998, p.18) ressalta que:

O historiador deve poder vincular em um mesmo projeto o estudo da produção, da transmissão e da apropriação dos textos. O que quer dizer manejar ao mesmo tempo a crítica textual, a história do livro, e, mais além, do impresso ou do escrito, e a história do público e da recepção.

Arelada a essa afirmação, a história do impresso no Brasil, especialmente a partir da década de 1920, teve relevante impacto na sociedade brasileira pela publicação de coleções direcionadas a diferentes públicos com o aprimoramento da

tipografia nacional e a presença efetiva de intelectuais como Monteiro Lobato, Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto, Lourenço Filho, entre tantos. Bragança e Abreu (2010) argumentam e enfatizam a historiografia da imprensa, evidenciando que a história do povo brasileiro esteve constantemente presente na própria transformação da imprensa.

Esse contexto da entrada das coleções no Brasil perdurou por muito tempo e teve muita influência pela escola, e pela literatura infantil. Sendo por muitas vezes as principais motivações das publicações.

A república brasileira nos anos 1950 saía de um período ditatorial, repressivo e de censura, dos anos 1930-1945 quando Getúlio Vargas predominou no poder político.

O salto direto de uma população majoritariamente analfabeta no início do século para uma ordem cultural centrada nos estímulos sensoriais das imagens e dos sons tecnicamente ampliados fornece uma indicação da trajetória da sociedade brasileira nesse período de mudanças intensas e rápidas (SEVCENKO, 1998, p.38).

Considerando a importância do crescimento na alfabetização na população e concomitante com a cultura da propaganda e divulgação do rádio e o surgimento da televisão, o impresso como veículo de comunicação de ideias e comportamentos ganha destaque com o fim da era Vargas.

Por ter seu caráter de poder, de transmissão de ideias o impresso se destaca como um objeto legítimo de divulgar e comunicar valores, conceitos e comportamentos como a liberdade de expressão, que então era o que experimentava a sociedade brasileira pós Vargas. Nesse sentido, concordando com Chartier (1998) “a leitura é sempre apropriação”, uma apropriação cultural e intelectual.

A coleção “O Mundo da Criança”, ao longo de seus 11 volumes, aborda gêneros textuais diversificados entre a literatura infantil, traz poemas, poesias, fábulas, contos, biografias e textos científicos onde “valendo-se da imagem para decifrar o texto”, tomando o exemplo que Chartier expõe sobre a relação entre a imagem e o texto, a complementariedade de um ao outro faz parte da materialidade e de seu uso e manuseio para que os conceitos transpostos sejam assimilados e interiorizados para o universo infantil em formação.

Referente a isso, na coleção os primeiros volumes trazem ilustrações primorosas a cada poema, demonstrando alegria, satisfação, leveza e sentimentos contrários também como surpresa, medo, choro, para representar de uma a mais as ideias e comportamentos que o escrito expõe.

A disposição da coleção em conceber a obra em literatura infantil diversa está relacionada à própria história do início da literatura infantil e atrelada ao contexto de reafirmações políticas sociais no Brasil.

Com a ascensão da burguesia, durante o século XVIII, a criança começou a ser valorizada. Isso se deveu ao fato de que a classe emergente precisava de mão de obra qualificada; sendo assim, investir na educação seria uma forma de preparar os futuros operários. Em decorrência disso, as famílias passaram a se organizar em função dos filhos, e a escola, como seu segmento, fez o mesmo. Foi nesse contexto pedagógico e burguês que emergiu a literatura infantil, com a finalidade de transmitir as normas e os valores da sociedade burguesa (MOCCI, 2010, p.39).

Concordando com Mocci, Hohlfeldt (2010), ao expor o pensamento de Cecília Meireles sobre os problemas da literatura infantil, atenta para o fato de que os livros direcionados para as crianças são produzidos por adultos e intencionais para que o leitor infantil se aproprie dos conceitos, ideais e normas dos adultos.

De modo que ao, desmontar a coleção em sua sequência de volumes padrão e categorizar as formas e os modos pelos quais explora a formação dos bons modos, que averiguamos conter, contemplamos o fazer historiográfico, à possibilidade de identificar os meios, que o impresso fez uso, consciente ou não, para a transmissão de valores comportamentais (RODRIGUES; BICCAS, 2015, p.153). De modo que, o concebemos como produto cultural, e lançando mão de sua organização padrão, construímos novos agrupamentos, séries e conjuntos, para operar com a presença do discurso de civilidade que o impresso oferece.

4.1. A linguagem textual como formadora da sensibilidade infantil

Ao ser, a coleção “O Mundo da Criança”, constituída como uma obra de literatura infanto-juvenil, e ao tomarmos como objeto de estudo a formação da conduta moral e comportamental da infância, com a finalidade de desenvolver um padrão adequado de civilidade, importa-nos à análise dos volumes direcionados

especificamente para esse público, qual seja, à criança, que a coleção pretendeu alcançar. De forma a, por meio da leitura que esse público estava exposto, averiguar mais profundamente o conteúdo que tais leituras traziam, para a formação moral das crianças.

Conforme conceitua Rodrigues (2015, p. 153), “historicizar a linguagem das fontes e das ferramentas conceituais passa a ser primordial”, de modo que, ao analisar os gêneros de textos, linguagens e escolhas de assuntos, torna-se inevitável para a perspectiva de encontrar vestígios de uma formação moral e civilizada para as crianças da década de 1950, que teriam acesso ao impresso.

Quando se volta o olhar para a linguagem que o impresso se propôs a elucidar em seu corpo material, evidencia-se que, por meio desta, das escolhas e das colocações destas, o objetivo estava por inculcar um modo de comportamento, por hora adequado aos padrões de uma sociedade moderna, urbana e culta. “Portanto, a linguagem é um dos elementos chave para avaliarmos as direções em que a sociedade, a escola, a academia, as instituições que legislam sobre o ensino se movem quando falam sobre crianças e a sua educação” (BUGES, 2011, p. 187).

De igual modo, a linguagem, representa e significa tal qual, quando direcionada à criança, pois ao ser direcionada antecede alguém que assim o faz, de forma que, conduz, governa e forma uma consciência, ou ainda, um raciocínio para com situações do cotidiano e da sociedade, de forma geral.

Os impressos, assim, e especificamente, a coleção “O Mundo da Criança”, contribui, com sua materialidade e com seu suporte, como objeto que carrega um discurso intencional, capaz de possibilitar a educação para uma sociedade que se deseja firmar como moderna e civilizada.

Reforçando a ideia da formação da infância, pelo viés da linguagem e dos meios pelos quais se chega a criança, compreende-se que

[...] a linguagem e o papel que ela tem na instituição de *sentidos* sobre o que tomamos como ‘real’ nos leva a perceber que a ‘descoberta’ do sujeito infantil na Modernidade – e a proliferação de discursos que se enunciam sobre ela – teve e tem efeitos muitos concretos nas práticas destinadas à sua captura e educação (grifos nossos) (BUGES, 2011, p.187).

A educação dos sentidos, das emoções, ou ainda como Norbert Elias, conceitua, pulsões, explícita e explora a manifestação de formar a consciência de determinada conduta adequada, e moralmente aceita para os bons modos em

sociedade. A criança, em sua infância, se torna esse sujeito que se encontra em processo de se desenvolver em um ideal cidadão que desponta essa perspectiva de boa conduta.

Conforme Brandão (2003), o controle das emoções presente na teoria de Norbert Elias dos processos civilizadores, configura-se “como um conjunto explicativo de comportamentos sociais e psicossociais” que dentre outras possibilidades, tem a finalidade de disciplinar a conduta moral.

O prazer ou a inclinação do momento são contidos pela previsão de conseqüências desagradáveis, se forem atendidos. E é este, na verdade, o mesmo mecanismo através do qual os adultos – sejam eles os pais ou outras pessoas – instilam um ‘superego’ estável nas crianças. A paixão momentânea e os impulsos afetivos são, por assim dizer, reprimidos e dominados pela previsão de aborrecimentos posteriores, pelo medo de uma dor futura, até que, pela força do hábito, esse medo finalmente contenha o comportamento e as inclinações proibidos, mesmo que nenhuma outra pessoa esteja fisicamente presente, e a energia dessas inclinações seja canalizada numa direção inócua, sem o risco de qualquer aborrecimento (ELIAS, 1994a, p.227).

Portanto, ao sensibilizar seus modos, seu pensamento e sua forma de ver e conceber situações sociais, além de sensibilizar sua cultura, pela arte e música, como forma de expressar-se, é possível configurar uma conduta reguladora, pois “A educação dos sentidos e das sensibilidades é parte essencial nos processos de formação, entendida essa como autoconstrução dos indivíduos e dos grupos sociais na sua relação com a natureza, a cultura e a sociedade” (OLIVEIRA, OSCAR, GREGÓRIA, LACERDA, 2017, p.19).

Assim, ao relacionar a linguagem à um discurso regulador, voltado à sensibilidade, tendo o impresso como meio veicular desse conteúdo, atribui-se que ao conduzir a criança nessas leituras, “O Mundo da Criança”, prioriza uma materialidade que, para além de envolver o lúdico, conduz a formação da conduta da criança leitora, de forma implícita.

Quanto a configuração da coleção, ela se organizou de modo a reunir nos primeiros 6 volumes, histórias contadas, ou seja, uma vasta literatura de narrativa que pudesse abranger histórias das mais diversas formas, poemas, fábulas, contos, narrativas e biografias, explorando assuntos no universo infantil e, de forma, preliminar, à antecipar as leituras para textos mais complexos, como os que estão

presente nos volumes de 7 à 11. Nesses volumes, encontram-se textos de caráter científicos, uma vez que exploram a própria ciência, a história, a cultura e a biologia para contar e ensinar sobre natureza, indústria, música, artes e a forma como elaborar brincadeiras.

Nesse sentido, ao categorizar a coleção para o que nos propusemos, identificar seu intento em regulamentar normas de condutas e comportamentos, exploramos seus textos e formas, sendo possível interpretar suas prescrições pelo modo e conteúdo em que se apresentam.

4.1.1. Condutas

Os 6 primeiros volumes da coleção “O Mundo da Criança”, estão organizados essencialmente, por contar histórias, de diversos gêneros literários, com o enfoque de narrar sobre o cotidiano da vida das pessoas, em ambientes dos mais variados, em casa, fazenda, no trabalho, em outros países, e outros. Consta ainda, no volume 6, histórias de pessoas que marcaram a história da humanidade, pelos seus atos, pensamentos, escritos ou ideologias.

Logo no primeiro volume “Poemas da Primeira Infância” distribuído em três seções, a primeira seção apresenta poemas da tradicional Histórias da vovozinha, presente em coleções de outras editoras também direcionadas as crianças, desde a década de 1920, já mencionadas. São pequenas histórias passadas de geração em geração, pela tradição oral e que carregam narrativas de cunho moral, destinadas ao comportamento da criança em seu cotidiano da vida, de brincadeiras, lazer e relacionamentos.

Como forma de preservar a cultura escrita, a coleção valorizou textos clássicos que perpassaram gerações e que transmitem valores civis e morais, além do divertimento do leitor. Como as fábulas de Esopo, as histórias dos irmãos Grimm, contos de fadas e contos populares que, em seus contextos, extrapolam a história para transmitir normas de comportamento.

Para compreender melhor e enfatizar essa interpretação, apresenta-se no Quadro 3, as histórias selecionadas pelos volumes 1 e 3, respectivamente “Poemas da primeira infância” e “História de fadas”, que compõe a tradição de histórias passadas de geração a geração, como forma de educar para os bons modos.

Quadro 3: Histórias clássicas da literatura infantil

VOLUME	AUTOR	HISTÓRIAS
Poema da primeira infância	Vovozinha ⁶	Cantiga de Ninar
		Joguinho
		Meu Cavalinho
		Linda Roseira
		Um, Dois, Feijão com arroz
		Vai Abóbora
		Boi-Boi-Boi
		Minha Menina
		Uma casa Diferente
		Dançando
		A Beira da Praia
		Meu Veleiro
		Carneirinho, Carneirão
		O Rei Mandou-me Chamar
		Esta Rua
		Adivinhações
		Ciranda, Cirandinha
		Minha Terra
		A Minha Gatinha Parda
		Amigo Esquilo
Pombinha Rolinha		
Quantos Dias?		
Vai-te Embora, Chuva Feia		
Histórias de fadas	Jakob e Wilhelm Grimm	O Lobo e os Sete Cabritinhos
		Os Músicos de Bremen
		O Sapateiro e Os Anõezinhos
		O Pescador e sua Esposa
		Rapunzel
		Branca de Neve e Rosa Vermelha
		A Bela Adormecida
		João e Maria
	Esopo	O Camundongo da Cidade e o do Campo
		O Fazendeiro, seu Filho e o Burro
		Uma Campainha para o Inimigo
		O Corvo e o Jarro
		A Raposa e a Cegonha
		O Leão e o Rato
		O Cão e o Osso
		A Moça e a Vasilha de Leite
		O Vento e o Sol
		A Lebre e a Tartaruga
		A Gansa que Punha Ovos de Ouro

Fonte: O MUNDO DA CRIANÇA, V. 1 e 3, 195-. Elaborado pela autora.

⁶ As histórias da referida autoria, caracterizam-se pelas narrativas que foram sendo contadas de pais para filhos, por meio da memória e oralidade, não tendo registros de autores específico e originais.

Ao privilegiar, no Quadro 3, as histórias dessas 3 específicas autorias, deve-se ao intuito de demonstrar a força da tradição, pois tais histórias datam, em sua maioria do século XVII, representando a relevância do clássico. Esse processo de transmissão de valores pela história narrativa, que trazem em sua essência um cunho moral para a formação da personalidade do homem civilizado, pode ser encontrado na teoria dos processos civilizadores de Norbert Elias.

Ao compor a ação de que uma geração por meio da educação pode e deve repassar aquilo que foi sedimentado como uma moral de conduta capaz de estabelecer um ideal civilizado de sociedade. De tal maneira que:

[...] os processos educativos, institucionalizados ou não, têm centralidade em qualquer civilização, isso porque há uma constante que é a aprendizagem de comportamentos, tanto no plano individual quanto no social, transmitida de uma geração para outra, podendo se transformar em um habitus (HONORATO, 2017, p.114).

Ao lado dessas histórias clássicas, passadas de geração em geração, outras que ressaltam de igual maneira o anseio pela preservação de valores como gratidão, solidariedade, respeito, e amor pela pátria também se faz presente. Com o intuito, possivelmente, de formar o cidadão patriota, símbolo da civilização.

MINHA TERRA
Terra de sonhos, tardes amenas...
Noites serenas, terra gentil!
Que formosura, quanta beleza
Na natureza tens, ó Brasil!
(O MUNDO DA CRIANÇA, v 1, 195-, p.68)

Analisando o poema, logo no primeiro volume, onde estão contidas histórias consideradas da primeira infância, convém explorar sua narrativa. Ao apresentar o Brasil como “terra de sonhos” contempla a chegada dos portugueses e posteriormente da corte, quando em terras novas, vislumbravam um futuro, um novo mundo. Um lugar cheio de belezas e recursos naturais, de onde poderia vir a riqueza almejada, pelos anos em que foi colônia de Portugal. Assim, em comparação com a expectativa de um novo Brasil, nos anos de 1950 em diante, com a industrialização e a modernização, inculcar esse sentimento de esperança em sua pátria, renovando seus sonhos na “terra gentil”, poderia vir a ser um mundo de possibilidades para com a modernidade que se instalava em espaço mundial.

A fim de desenvolver um sujeito civil, que valoriza a pátria e os bons modos, encontra-se também, poemas voltados para o sentimento da solidariedade, quando, por exemplo, trata de questões como esmolas para mendigos.

O MENDIDO

Uma esmola, menina, ao velho,
Que para comer nada tem.
Pobre velho, neste mundo,
Sem arrimo, sem vintém.
Uma esmola, Deus vos pague,
Como paga a quem faz bem.
(O MUNDO DA CRIANÇA, v. 3, 195-, p.35)

Ao observarmos a escrita, o assunto do poema, nota-se que há uma preocupação em caracterizar a solidariedade para com os menos necessitados e ao passo que averiguamos conter tal assunto no conteúdo da obra, podemos evidenciar que tal tema possibilita estimular a prática de esmolas e a caracterização de que mendigos são pessoas que não tem nada para comer, de forma que fazer o bem é garantia ou consequência do bem divino.

Os poemas são reconhecidos por serem gêneros literários que carregam emoções, sensibilidade e sentimentos. Por estarem em sua maioria presente logo nos primeiros volumes da coleção, anunciam as maneiras do dever ser, pois estão lidando com as emoções, de uma forma a conduzir a leitura à reflexão e a conscientização dos assuntos abordados, indica assim o controle das emoções.

[...] a ideia do controle das emoções de Elias, além de ser um pilar da sua teoria dos processos de civilização, nos ajuda a entender melhor o conceito de educação [...], e suas relações com a democracia moderna. Seja a educação entendida como formação integral do ser humano ou como prática pedagógica escolar, podemos afirmar que ela ganha um maior alcance e significado quando é analisada tendo como referencial permanente a democracia (BRANDÃO, 2003, p. 118).

Ao lado dessas autorias, e dentre outros, encontram-se autores como Joseph Jacobs, o qual fez uma adaptação da clássica história dos “Três Porquinhos” e Hans Christian Andersen, criador das histórias “O Patinho feio” e “O Valente Soldadinho de Chumbo”, por exemplo, as quais estão presentes nos volumes já citados da coleção. Ao enfatizar tais autores e histórias, demonstra-se que o impresso optou por, em seus primeiros volumes trazer as histórias clássicas da literatura infantil, uma vez que essas histórias foram por muitas vezes passadas pela tradição oral, e

serviam como ensinamentos para a educação da moral, da conduta e do comportamento infantil.

Nos quatro primeiros volumes são encontrados textos narrativos para as crianças em que as histórias focalizam as ações de crianças frente a situações que exigem um comportamento social e moral adequado voltado à essa formação em um cidadão que viria a ser civilizado no ambiente social desde sua infância, sendo então interiorizado os valores morais para a época e cultura.

MINHA MENINA
Menina dos cachinhos,
Queres ter os meus carinhos?
Os pratos não lavarás,
Aos porcos, de comer, também não darás
E numa linda almofada
Ficarás sempre sentada,
A bordar, sempre a bordar.
Assim não vais-te cansar,
E morangos comerás,
Com creme, açúcar, que mais?
(O Mundo da Criança, v. 1, 195-, p.30).

Nota-se que no poema “Minha Menina”, contempla a figura da menina, de provável classe alta, onde teria como função social a prática dos bordados, típica da cultura da Idade Média, de modo a estar longe dos afazeres domésticos ou ainda da figura de uma pessoa cansada, para que assim torne-se digna de ganhar carinhos. Não se pode afirmar que nesse poema há uma intenção objetiva da função feminina desvalorizada pelo não exercer o trabalho formal, uma vez que tais conceitos e ideias configuram mais o contexto do mundo pós-moderno, do qual se faz presente na contemporaneidade. Mas, não se pode deixar de observar que, ao introduzir temas de tal natureza, e com exposição de ideias como *cansaço* e *carinhos*, ao direcioná-las à menina implica, em um primeiro momento, a relação entre afazeres masculinos e femininos e posteriormente a classe econômica, evidenciando assim, um ensino para a conduta da menina.

Tomando como argumento o conceito de figuração em Norbert Elias, temos assim, que o lugar social da menina, não só dessa específica, mas em uma categoria maior, ou seja, a função social do gênero feminino, encontrava-se nessa posição explicitada pelo poema, que logo se fez representar essa figuração atribuindo desde a infância o papel da mulher na sociedade em formação. Diante

disso podemos compreender que o espaço familiar se configura como uma determinada instituição social e a partir disso considerar que:

Em instituições, os indivíduos vivem dinâmicas relacionais e tensões produtoras de controles sociais e autocontroles pessoais que vão se sedimentando nas interações coletivas e produzindo identidades, autoimagens, culturas, comportamentos, habitus e disputas de poder (HONORATO, 2017, p. 114).

Ao interpretarmos desse modo, assume-se o que para Norbert Elias (1994) está evidenciado em toda e qualquer sociedade, independentemente de sua forma governo, a noção de que indivíduo e sociedade não são indissociáveis, mas ao contrário, a relação entre eles é que determinam os processos de transformação nas estruturas sociais, culturais, políticas e assim em todas as esferas possíveis, uma vez que se interdependem e constituem valores e significados para a prática dos contextos históricos e das civilizações.

De forma semelhante, no volume 2, encontram-se dois poemas, que retratam a menina como aquela que cuida da casa, dos serviços domésticos com alegria e entusiasmos, como quem idealiza o ser dona de casa.

Conforme a figura 3 a seguir, é possível identificar essa comparação quando ao expor o contexto de uma menina varrendo a casa, ou seja, cumprindo suas obrigações domésticas, a menina em questão o faz de forma alegre, enquanto que na linguagem do poema há a mesmo entusiasmo por descrever esse momento com palavras como *contente*, *divertido*, *valsando*, e caracterizando que em meio a todo o divertimento a casa fica *limpinha, a brilhar*.

Figura 3: Serviços domésticos



Fonte: O MUNDO DA CRIANÇA, v.2, p.15, 195-.

E uma vez mais, expõe os afazeres domésticos, retratando na forma de limpeza, organização e satisfação pelo dever cumprido.

CASINHA RELUZENTE
Eu desejo... tanto, tanto
Uma casinha pequenininha,
Bem pintadinha de branco.
Minha casa então teria
Um tapete para o gato;
[...]
Então começaria a faina,
O dever nosso de todo dia;
Com um pano, a casa toda,
Com esmero limparia.
Faria brilhar vidros e janelas,
Os armários e o chão.
Depois as grades, as portas,

Fechos, ladrilhos e fogão.
 E, à noite, com as crianças
 Dormindo sossegadas nas caminhas,
 Na cadeira de balanço, bem tranquila,
 Consertaria as roupinhas.
 Que linda casa a minha,
 Que eu sempre limpa traria.
 Em um lar assim brilhando
 Muito feliz eu seria.
 (O Mundo da Criança, Ad. de Helena Pinto Vieira, v.2, 195-, p.16).

Diante disso, podemos verificar que ao abordar os afazeres domésticos relacionam com a menina, de maneira a conduzir para o ideal a ser conquistado, extrapolando no sentimento de felicidade como desejo a ser alcançado e enfatizando como dever ser, ou seja, exprime como a conduta social da mulher na sociedade.

Ressalta-se que as fábulas têm como fundamento e regra de escrita apresentar uma moral ao final de cada história, assegurando ao leitor que aprenda a partir da leitura e reflita sobre seu comportamento no ambiente social.

A literatura brasileira também está presente na coleção, por meio das adaptações feitas, prestigiando escritores de notabilidade com Olavo Bilac, Casimiro de Abreu, Euclides da Cunha, dentre os 47 autores brasileiros e portugueses dos quais a Coleção selecionou textos ou excertos para a adaptação da obra no Brasil.

De forma generalizada a coleção apresenta por meio dos índices e textos propriamente, um modelo de conduta para seus leitores se apropriarem. Na fragmentação dos volumes e das seções entre os volumes esses modelos são percebidos nas especificidades de seus textos.

Considera-se a conduta moral explícita nos textos que se referem ao comportamento social e individual das crianças dando indicações de como agir em situações das mais diversas.

Textos como de Olavo Bilac intitulado “Mocidade”, um poema trata do desenvolvimento humano como estações da vida comparadas às estações do ano, chamando a mocidade de primavera e, assim, valorizando o aspecto da força para o trabalho:

MOCIDADE
 A mocidade é como a primavera.
 A alma, cheia de flores, resplandece,
 Crê no bem, ama a vida, sonha e espera
 E a desventura facilmente esquece.

É a idade da força e da beleza:

Olha o futuro e inda não tem passado;
E encarando de frente a natureza,
Não tem receio do trabalho ousado.

Ama a vigília, aborrecendo o sono;
Tem projetos de glória, ama a quimera;
E ainda não dá frutos como o outono,
Porque dá flores como a primavera...
(O MUNDO DA CRIANÇA, v.2, 195-, p.40).

Se consideramos que a criança está em formação no momento em que lê tal poema, refletimos que esse a prepara para que corresponda a tal ideia quando alcançada a mocidade, como ainda para a formação de um cidadão trabalhador, ordeiro, pacífico, um sujeito ideal para o *novo mundo*, pelo qual a modernidade e a sociedade política industrial brasileira das décadas de 1950 e 1960, esperava por ter.

De modo a fazer aflorar o cívico, pela dimensão poética em que alude e compara a mocidade as estações da primavera e do outono, e ao fluxo de como a natureza trabalha e em seu devido tempo, produz flores e frutos, ou seja, pode-se interpretar que o poema elabora um certo entusiasmo pelas fases da vida, e demonstra que com a chegada da mocidade, da juventude, faz surgir também a coragem pelo *trabalho ousado*, a *vigília*, como que inclinando para aquele conceito de que “o trabalho dignifica o homem”.

Dúbia, a literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê (ZILBERMAN, 2008, p.17).

Referente a condutas e comportamentos, estimulados pelos poemas e fábulas, a disciplina e a prática da responsabilidade aos compromissos também são explorados, como se pode perceber pelo trecho do poema “Chuva”, de Edvete da Cruz Costa, “[...] Lá fora a chuva bem forte/ Acho que não vai parar / Mas tenho que ir à escola/ Pois não gosto de faltar.//” (O MUNDO DA CRIANÇA, v.2, 195-, p.62).

Essa percepção de que a coleção por vezes se assemelha à um manual de condutas e regras vai ganhando nitidez nos demais volumes também, como por exemplo no volume 8 “Aprendendo a brincar”, pelo seu caráter instrucional, ao desempenhar a função de orientar o comportamento de brincadeiras e jogos, e ainda

quando orienta sobre posturas e forma de agir. Ao apresentar a seção “Jogos para viagem”, não se limita apenas a mostrar e ensinar jogos para distrair em viagens longas, mas também como ser um bom companheiro de viagem.

Se você é um bom companheiro de viagem, todos irão sempre desejar a sua agradável companhia e, com isso, certamente, receberá novos convites. Aqui estão algumas *normas*: Conserve-se risonho mesmo que esteja cansado de andar. Embora sinta fome ou sede, espere o momento adequado para falar em comida e bebida. Divirta-se fazendo o que os outros desejam, mesmo que não esteja sempre interessado. Procure gostar de qualquer alimento que lhe seja servido, embora não esteja acostumado a comê-lo em casa. Leve as roupas e os brinquedos cuidados e limpos. Encape as malas, porque isto permitirá que elas permaneçam no chão do carro. Ajude os companheiros naquilo que eles precisarem. Se assim fizer, conseguirá, por certo, fazer ótimas viagens tendo a oportunidade de conhecer o mundo em que vivemos (O MUNDO DA CRIANÇA, v.8, 1954, p.87).

A leitura da coleção nesse sentido, podia inspirar e produzir um comportamento padronizado até mesmo ao brincar, apresentando maneiras e situações onde a criança poderia desenvolver suas brincadeiras de um modo adequado.

4.1.2. O brincar civilizado

Nos volumes 7 “A Natureza” e 8 “Aprendendo a Brincar” é desenvolvida a relação das crianças com o ato de brincar e sua manifestação em sua vida. Por meio do ensino das brincadeiras e da própria construção de brincadeiras e brinquedos em determinados acontecimentos.

Destaca-se o volume 8 por apresentar uma multiplicidade de brincadeiras e formas de brincar para tantos e quantos momentos possíveis da criança em sua rotina, dando a criança, caráter de autonomia e criatividade.⁷

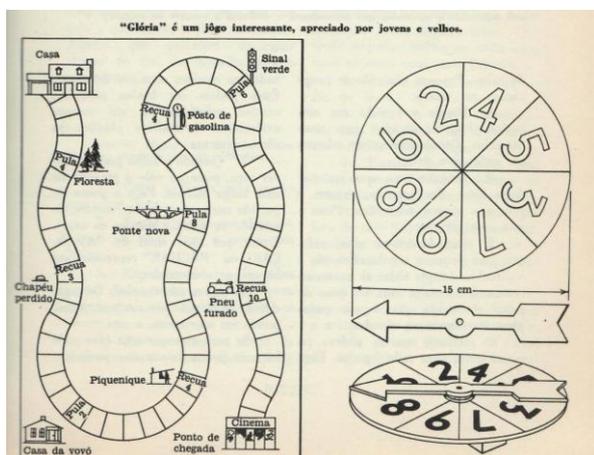
Nesses dois volumes citados, diferentemente dos volumes iniciais, os textos apresentados são dos tipos instrucionais e informativos, fazendo referências constantes à linguagem mais científica e formal.

Ao ensinar a criança a brincar, o volume dá a ela a autonomia para fazer suas brincadeiras, explorar os materiais para construir brinquedos e estimular a

⁷Consta no Quadro 1, os temas abordados pelo volume 8, onde encontra-se uma gama de jogos para diferentes ocasiões em que a criança poderia desenvolver e brincar.

criatividade na confecção desses, como é possível observar nas figuras abaixo, onde semelhante a um manual mostra e ensina a criança como brincar.

Figura 4: Molde do Jogo Glória!



Fonte: O MUNDO DA CRIANÇA, V. 8, p.217.

Figura 5: Ilustração para confecção de fantoches



Fonte: O MUNDO DA CRIANÇA, V. 8, p.263.

Na abordagem desses dois volumes contempla-se ensinar às crianças leitoras a maneira como se comportar brincando e como aproveitar-se dos elementos da natureza para criar brinquedos e brincadeiras.

No volume 15, destinado aos pais e educadores, intitulado “A criança no mundo moderno” é possível considerar essa noção pela abertura do volume, onde encontra-se a orientação de que “Só assim poderão tornar-se amáveis e corajosos, tendo confiança em si mesmos e nos outros” (O MUNDO DA CRIANÇA, v.15, p.2). Atentando para a formação da infância dessa época voltada aos ideais da modernidade, em uma sociedade que ia se formando pelo movimento da indústria e da democracia.

Embora nos outros volumes também estejam presentes, por meio da literatura infantil, a ideia do brincar, são nesses volumes, 7 e 8, em que se efetiva e evidencia como uma conduta a forma do brincar de maneira a atender, ou ainda predispor, uma prática civilizada correspondendo aos anseios da sociedade.

Os jogos recreativos educam as mãos e a memória, e os jogos ao ar livre formam corpos fortes e saudáveis. Todos eles os ensinam a viver em sociedade, a brincar com *cortesia* e a ser um bom desportista. Você aprenderá que nem sempre pode ser o vencedor e que trabalho em conjunto, *boas maneiras* e altruísmo são coisas muito importantes (O MUNDO DA CRIANÇA, v. 8, 1954, p.56, grifo nosso).

O volume apresenta na primeira parte diversos tipos de brincadeiras, destinadas a ensinar as regras dos jogos, formas de brincar, brincadeiras tradicionais de outras épocas e cantigas para brincar em roda. Ao passo que adentrando mais no conteúdo do volume, este se destina então para mostrar que o momento da brincadeira pode ser feito em diferentes ocasiões, circunstâncias e preservando a ordem e o sossego da casa.

Percebe-se que ao orientar a criança em seu momento próprio e natural utiliza-se dessa condição para instruí-la às normas de condutas.

Um dia chuvoso, que o obrigue a ficar dentro de casa, poderá tornar-se um dia feliz se você souber como brincar, sossegadamente, sozinho ou com um ou dois amigos. Também próximo a hora de dormir, uma meia hora de distração calma será tão bom quanto uma cantiga de ninar. Até mesmo o repouso na cama pode permitir-lhe momentos alegres, porque há muitas brincadeiras que podem ser feitas no leito. Essas brincadeiras servem também para o período de convalescença, quando, embora melhor, você ainda não possa brincar fora de casa. Além disso, há ocasiões em que lhe pedem para brincar quieto, sem barulho, para não perturbar o repouso do papai, da mamãe ou de uma pessoa doente (O MUNDO DA CRIANÇA, v.8, 1954, p.42).

De forma instrucional orienta como deve ser o espaço do quarto para brincar. “Você se tornará mais cuidadoso, se tiver onde arrumar os seus brinquedos, e isto concorrerá para a boa ordem da casa” (O MUNDO DA CRIANÇA, v.8, 1954, p.58). Ao que parece, faz referência para uma conduta ordeira, de organização dos espaços, ordenando comportamentos.

Em comparação a épocas anteriores, podemos notar que esse espaço no qual denominamos o quarto da criança, onde a própria coleção a instruir a brincar de forma sossegada e sozinha, já foi em outros modelos de civilização algo inexistente ou ainda um ambiente coletivo, sem espaço para a recreação que a coleção propõe quanto ao “não perturbar” os outros.

Nisso, fica claro como as figurações mudam, em conformidade com o que Norbert Elias conceitua na relação de interdependência de indivíduo e sociedade, e nas transformações do que era civilizada em uma época, mas, em meio à um processo de mudanças torna-se, por assim dizer, não civilizado em outras épocas.

Desde cedo as crianças são treinadas nesse isolamento dos demais, com todos os hábitos e experiências que isto traz. Só se lembramos como parecia natural na Idade Média que estranhos, crianças e

adultos compartilhassem a mesma cama é que poderemos compreender que mudanças nos relacionamentos interpessoais se manifestam em nossa maneira de viver (ELIAS, 1994b, p.169).

Aqui notamos que o processo civilizador o qual Elias apresenta, se efetiva, pois ao relacionar a história em longa duração, a figuração social, ou seja, os espaços de convívio social, e os modelos de civilização, percebemos que essa transformação se realiza à medida que os relacionamentos humanos, pautados pela transformação na estrutura da sociedade. De forma a influenciar diretamente no comportamento, na conduta e na organização da família como de toda a sociedade.

Nesse sentido, a coleção contribui para a formação do ideal de cidadão que se pretendia formar para a atual sociedade da época, vindo ao encontro do desejo de civilizar o sujeito para a sociedade democrática, moderna e industrial que se pretendia formar.

No volume 7, “A natureza”, a estratégia de ensinar pelo brincar, formar consciência de civildade também está presente, quando ao final de cada seção é proposto “atividades indicadas” ou “atividades sugeridas”, para que o leitor realize aquilo que aprendeu na leitura, demonstrando um caráter formativo de aplicar o cuidado à natureza, ou mesmo o espírito criativo para com o uso por meio dela, ao considerar que “muitos de vocês precisam seguir os exemplos de dedicação que a natureza nos faz observar” (p.87).

O volume se apresenta realmente como uma enciclopédia referente à natureza, trazendo textos científicos, explicativos sobre cada elemento natural, seres vivos, habitat dos animais, relações da natureza com o homem, aspectos que valorizam a atenção, preservação e utilização para a vida.

Nas atividades sugeridas ao final de cada seção, ou capítulo, estão propostas maneiras de como a criança leitora poderia utilizar-se do conhecimento aprendido para de forma prática explorar a natureza, seus recursos, na perspectiva de formar o cidadão integral, moralmente responsável pela natureza e seu uso para o desenvolvimento social, como propõe Kant (1999, p.25) em sua pedagogia “As pessoas particulares devem em primeiro lugar estar atentas às finalidades da natureza, mas devem, sobretudo, cuidar do desenvolvimento da humanidade [...]”.

Para isso o volume sugere

Construa um comedouro para as aves no peitoril de uma janela, para atrair pássaros. Basta para tanto pregar uma tábua de madeira no

peitoril. Escolha de preferência a parte mais abrigada da casa. Fixe um pedaço de sebo no peitoril ou na moldura da janela, e encha uma vasilha com grãos e pedacinhos de pão (O MUNDO DA CRIANÇA, v.7, 195-, p.163).

Considera-se importante a análise aqui, de que a criança enquanto brinca, e no momento do faz de conta, recria para si conceitos e representa por meio da brincadeira suas práticas sociais, adquiridas pela convivência com o mundo externo a ela. Produzindo e reproduzindo, num ato de criação, sua noção própria da vida e do fazer social.

De modo tal, que sua vivência e prática social estão sendo construídas nesse momento, assim produzir nela, desde a infância, os valores de uma conduta civilizada pode e deverá contribuir para que se torne um adulto que empregue esses valores em sua ação social.

Segundo Brandão (2003), essa relação se faz necessário para que o processo de aprendizagem, na educação formal quanto na informal, saliente a formação social da criança. “A relação entre experiência infantil e mundo adulto constitui um dos elementos geradores do processo no qual a criança vai progressivamente assumindo o papel de ser social, e, portanto, tornando-se adulta” (BRANDÃO, 2003, p. 102).

Por isso ao analisar e compor como categoria de análise da coleção, e simultaneamente, compreender que a coleção faz uso e se preocupa em discorrer em dois tomos a natureza da infância do brincar, pretende-se mostrar que a esse momento, fundamentalmente infantil, estão implícitas a formação de um modelo de conduta, uma moral e um projeto de civilidade moderna, para o comportamento social e cultural brasileiro da geração de 1950 -1960.

4.1.3. A formação por referenciais: um modelo a seguir

“Grandes homens e feitos famosos” assim recebe o título o volume 6 da coleção. Que por meio de textos narrativos conta as histórias de figuras representativas, que marcaram a história brasileira por meio de suas ações políticas, literárias, culturais e sociais. De forma semelhante o Volume 11 “Música para Crianças”, em sua última seção, também valoriza importantes nomes da música mundial com a denotação de “Grandes Compositores”, atribuindo-lhes valores de referências para conduta e comportamentos.

O Volume 6 apresenta histórias de personagens bíblicos além de mitos e lendas que valorizam personagens que puderam influenciar por suas vidas a sociedade. De forma que, estão presentes nesse volume 3 seções destinadas a representar e divulgar a ação de homens e acontecimentos como marco de uma transformação que alcançou diferentes aspectos da sociedade e da própria história do país. Distribuídas as seções da seguinte forma: “Aventuras de Grandes Personagens”, representando 21 figuras da história sendo 2 mulheres (Anita Garibaldi e Ana Néri), 2 estrangeiros (Cristóvão Colombo e Presidente Franklin D. Roosevelt) e os demais homens brasileiros que se destacaram pelas suas ações nos contextos históricos (Anchieta, Tiradentes, Duque de Caxias, Manuel Luís Osório, Luís Gama, Pedro Américo, D. Pedro II, Gonçalves Dias, Floriano, Professor Abílio, Castro Alves, Rio Branco, Machado de Assis, Osvaldo Cruz, Rui Barbosa, Santos Dumont, Monteiro Lobato, Cândido Rondon), enfatizado nesses o amor pela pátria.

A segunda seção do volume está dedicada a “Histórias Bíblicas”, contemplando na escolha dos personagens e histórias de: José, Moisés, Davi, Amós, Jesus, Pedro e Paulo.

E na terceira seção, onde são abordados mitos e lendas, privilegiou as histórias de: A caixa de Pandora, O vôo de Ícaro, Midas e o Tosão de Ouro, Perséfone, A História de Guilherme Tell, A História do Rei Artur e Robin Hood e a Donzela Marian.

É recorrente durante os textos apresentados no Volume 6 a adjetivação dos personagens como “heróis”, como ainda os adjetivos que recebem os personagens no próprio título ou enunciação do texto, como exemplificação de características valorativas para um bom modelo a seguir.

Nessa categoria, ressalta a extensão de seu conteúdo aplicável ao que se compreende como um modelo de conduta a seguir, e o modo como são apresentadas as palavras dos textos ao valorizar, enfatizar e exaltar as características e acontecimentos da História, como um fato a ser celebrado, imitado e reverenciado. Compreendendo, assim, que a função de veicular os sentimentos de amor a pátria e o bom caráter, o “heroísmo” constituem nesses dois, volumes em especial, sua efetivação.

Alguns trechos dos textos apresentados no Volume 6 elucidam esse referencial desejado de modelo de conduta, para meninas o exemplo foi de “*Anita Garibaldi, a Heroína de Dois Mundos*” destacando sua postura de guerreira e mulher

“Foi exemplo de esposa e modelo de valentia esta brasileira! Durante os anos de convivência com o marido, mostrou-se a companheira perfeita” (O MUNDO DA CRIANÇA, v.6, 195-, p.27). Atribui-se valor para princípios de se tornar um grande nome considerando “*A Vida de Caxias num Sonho Fantástico*”, instruindo como “É simples a fórmula para se ter o nome perpetuado na História: uma grande dose de fé, muito estudo, muita compreensão dos homens, muito amor e trabalho pela Pátria” (O MUNDO DA CRIANÇA, v.6, 195-, p.34), reforçando a personificação do heroísmo, como ideal de cidadão em “*Um herói de Apelido Justo: Osório*” ressaltando significados ao pressuposto da coragem, ao afirmar que “Ele foi a própria bravura e um exemplo perfeito de comandante” (O MUNDO DA CRIANÇA, v.6, 195-, p.43). E, ainda, evocando valores que configura governo, destaque e, até mesmo, nobreza “*Rio Branco, o Diplomata de Nascimento*”, “Esforço, trabalho, habilidade, foram as armas desse homem, a quem alguém chamou de ‘o maior dos brasileiros’ e de quem nos ficam tão belos exemplos” (O MUNDO DA CRIANÇA, v.6, 195-, p.91).

Na seção destinada às histórias bíblicas, foram selecionando sete personagens, sendo aqueles, ou pelo menos alguns daqueles, que demonstraram atuação na sociedade em que viviam. Como legislador, rei, governador e Jesus, pela representatividade da Igreja na História.

Ao Volume 11 coube ilustrar os compositores de músicas inferindo que “Para melhor conhecer os grandes compositores, devemos ler suas vidas” (O MUNDO DA CRIANÇA, v.11, 195-, p.133), a fim de servirem como motivação. São assim apresentados “Os grandes compositores”, atribuindo às suas histórias vidas como que um modelo de superação, em algumas vezes de coragem e busca pelo sonho. Pode-se notar isso, pelo título que levam cada narrativa retrata para contar a trajetória de vida desses compositores, como mostra o Quadro 4 a seguir:

Quadro 4: A história de vida dos “grandes compositores”

COMPOSITORES	TÍTULOS DAS HISTÓRIAS
João Sebastian Bach	O menino que não perdia a coragem
Jorge Frederick Handel	Música na capela
José Haydn	O pai da sinfonia
Wolfgang Amadeus Mozart	O menino prodígio e a Imperatriz

Ludwig van Beethoven	O menino que ouvia o canto das árvores
Franz Schubert	O grande escritor de canções
Frederico Chopin	O compositor patriota da Polônia
Giuseppe Verdi	O grande compositor de óperas da Itália
Johannes Brahms	O modesto gênio da música
Peter Ilich Tchaikowsky	O reino da fada ameixa açucarada
Edvard Grieg	Na terra do sol à meia-noite
José Maurício Nunes Garcia	O filho da escrava que chegou a mestre da capela real
Antônio Carlos Gomes	O menino que tocava ferrinhos escreveu “O Guarani”
Achille Claude Debussy	O compositor que nunca respeitou regras
Antônio Francisco Braga	Do asilo às glórias da música brasileira
Georges Gershwin	Música que fez para um jogo
Heitor Villa-Lobos	De menino rebelde a grande compositor

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Observa-se que grande parte dos compositores aqui representados data dos séculos XVIII – XIX, demonstrando uma retomada aos ideais da modernidade como padrão de civilidade ou gosto pela música erudita, clássica. Possivelmente as histórias de vida dos compositores descritos, privilegiou-se dar ao título da história ao aspecto de modelo a seguir, enaltecendo ou valorizando tais homens e histórias como uma referência de superação.

Toda essa dinâmica de registrar as características de personagens que fizeram parte significativa da História da humanidade, e em especial da História da nação, expressa um significado de representação, atribuindo significado de valor aos que estão destacados nesses volumes.

A atribuição feita aos seus atos, suas conquistas e sua ação frente a política, cultura e sociedade dão margem a serem vistos como modelo de conduta a seguir, civil, cultural e moralmente, por não se deixarem sucumbir aos desafios da vida e da humanidade.

Paralela a essa interpretação, ao fazermos o uso da teoria de Norbert Elias (1994b, p. 16), é possível associar essa questão à discussão que o autor levanta a respeito das mudanças estruturais na legitimação do poder na Idade Medieval, quando se tratava da figura da nobreza e dos príncipes. De maneira que, embora sejam alterados os papéis sociais, sempre haverá um ator social em destaque, que

inconscientemente ou não servirá de modelo, de referência de comportamento seja pelo bom ou mal comportamento, seja pelo seu sucesso ou pela sua decadência.

Com isso, registra-se que o processo de civilização não se trata de um processo evolutivo, linear e progressivo, mas que cada contexto e sociedade, micro ou macro, vivência constantemente um desenvolvimento em sua estrutura a fim de produzir um padrão de comportamento que para aquele momento se configura como civilizado.

Ao concentrar um volume para apresentar e ressaltar personagens, sujeitos sociais que marcaram sua época, como uma forma de reafirmar valores e condutas “o que se descreve são suas fraquezas e talentos pessoais. Não há dúvidas de que é frutífero e mesmo indispensável estudar a história dessa maneira, como um mosaico de ações individuais de pessoas isoladas” (ELIAS, 1994b, p. 16).

As histórias produzem significados que legitimam a vida moral como forma modelar de conduzir a construção social da criança leitora como uma prática para o dever de servir o país e contribuir para seu desenvolvimento. Como argumenta Hall:

[...] por meio da construção de um conjunto de correspondências, ou de uma cadeia de equivalências, entre as coisas – pessoas, objetos, acontecimentos, ideias abstratas etc. – e o nosso sistema de conceitos, os nossos mapas conceituais (HALL, 2016, p.38).

O mapa conceitual, correspondente a Hall (2016), fundamenta-se na cultura, pelos conceitos compartilhados entre os homens dos significados que produzem as situações e eventos sociais, produzindo sentido comum e conceitos comuns aos valores sociais. A coleção “O Mundo da Criança”, por meio do volume 6 e a última seção do volume 11 possibilita essa formulação de conceitos para o desenvolvimento de um caráter civilizado que trabalhe em favor do bem da sociedade, elencando os homens, ou sujeitos personagens da História que já o fizeram, constituindo a estes como figuras representativas, modelos a seguir e valorização dos seus feitos.

Fica implícito nesses volumes a temática contemplativa na qual valoriza os personagens sociais mais do que o contexto, enriquecidos de boas atitudes frente aos desafios que lhe foram confrontados, demonstrando seus atos como modelo a seguir para que sejam imitados, reforçando a conquista de um nome conhecido estimulando a quem lê ações de condutas e comportamentos sociais.

4.1.4. O domínio sobre a natureza e a ciência

Partindo do pressuposto de que a coleção “O Mundo da Criança” deseja representar-se como uma enciclopédia necessária para a formação e informação do público infantil preparando a criança brasileira para o mundo moderno e industrial que surgia, privilegiou-se constar como conteúdo todo o conhecimento que dispunha o período, referente à natureza e à ciência nos volumes 7 “A natureza” e 9 “Ciência e Indústria”.

Com a finalidade de ensinar, quase como um estudo extraescolar, esses dois volumes trazem em seus conteúdos informações pertinentes e bem elaboradas sobre a ciência, a natureza e a indústria, essa última que por sua vez começou a ganhar cada vez mais espaço na vida social, cultural e econômica dos sujeitos da década de 1950.

Diante desse contexto de transição política da sociedade brasileira, há que se considerar que a educação, como em todo momento histórico, serviu de meio para a afirmação do que se pretendia desenvolver enquanto sociedade, nesse caso, a moderna, industrial e civilizada. Brandão (2003), analisa a coexistência de duas teorias pedagógicas que se fizeram notáveis durante esse período moderno, a Pedagogia Tradicional e a Pedagogia Nova. Compreendendo essas pedagogias como teorias e práticas educativas nesse período da história brasileira, por meio dos textos do Manifesto dos Pioneiros, dentre outros que expõe a realidade de uma política educacional que buscava formas de qualificar o sistema de ensino, pode-se aqui analisar a presença destas nesse contexto histórico do qual a coleção por hora também se encontra.

A concepção e a existência dessas pedagogias no contexto brasileiro, em suas essências e conforme suas particularidades assim corroboram com a noção da coleção ao apresentar nesses volumes, aqui analisados, uma extensão de conteúdos escolares, ou seja, quando a coleção se dispõe a apresentar e explorar a ciência como parte de seu corpus documental, entende-se que tenciona para a formação integral do homem, de modo que “o que distingue o mundo moderno das fases históricas precedentes deve-se a um novo e constante fator, quer seja, agora o pensamento está baseado na experimentação” (BRANDÃO, 2003, p.103). Assim, tais volumes, vêm a responder esses anseios da educação, e da sociedade moderna, contribuindo para a formação desse sujeito civilizado, onde podemos notar

as mudanças sociogenéticas e psicogenéticas, uma vez que ocorre a dinâmica desses processos de interdependências. Conforme Elias (1994a, p.37), "[...] na história, nenhum fato isolado jamais produz por si só mesmo qualquer transformação, mas apenas em combinação com outros".

Assim no volume 7, "A Natureza", encontra-se textos extensos com informações específicas e curiosidades dos diferentes tipos de animais, plantas e a relação desses com o ser humano, enquanto que no volume 9, "Ciência e Indústria", é possível contemplar a diversidade de pequenos textos em páginas repletas de fotos, em preto e branco, que retratam e explicam com detalhes os elementos da natureza, o desenvolvimento da indústria e ainda as características do espaço.

Figura 6: Apresentação e ilustrações de exemplares de seres vivos



Fonte: O MUNDO DA CRIANÇA, v. 9, 195-, p.5.

Figura 7: Ilustrações e explicações sobre o espaço



Fonte: O MUNDO DA CRIANÇA, v. 9, 195-, p.168.

Na abordagem dos volumes nota-se que não há uma preocupação com o texto em caráter de comprovação ou da apresentação de textos elaboradas com linguagem científica para a informação da natureza ou da ciência. Mas uma escrita simples, em linguagem que a criança possa compreender e aprender, ainda que superficialmente, tudo o que compõe a natureza e como a ciência pôde contribuir para a saúde e o bem-estar das pessoas.

Referente ao Volume 7 que trata do assunto "A Natureza", é explorado a diversidade dos animais, suas origens, categorias, configurando basicamente entre: Os animais de circo e de jardim zoológico, animais do campo e das florestas,

animais de estimação, animais que trabalham para o homem, as aves, rãs, sapos e pererecas, insetos e aranhas, animais que vivem na água, animais que vivem dentro da terra, tartarugas, cobras, cultura de flores e legumes e como crescem as árvores.

Figura 8: Fotografias de animais de estimação



Um cachorrinho é um animal de estimação para se acariciar, tomar conta e... escolher como companheiro de divertidas atividades.

Esta tartaruga ("box turtle") pode constituir um bom animal de estimação. Não sente necessidade de beber água, come cenouras, minhocas e carnes.

R. C. Miller, Guillumette; Hoban, Guillumette; Harrison, Camera Clix.

Fonte: O MUNDO DA CRIANÇA, v. 7, 195- p.106.

Como se pode observar na figura 8, o volume 7 apresenta algumas fotos de crianças com seus animais, para dar sentido às características dos animais de que irá tratar ao longo do volume.

São exploradas as características nos animais e plantas por meio de longos textos narrativos envoltos na história de um passeio onde crianças experimentaram o conhecimento da natureza a sua volta.

Já a abordagem feita no volume 9, para cada abertura de uma determinada temática há uma pequena introdução, instigando perguntas como “De onde provêm os seres vivos?”, ou ainda “Que produz o trovão e o relâmpago?”. Dessa forma desenvolve no leitor a curiosidade, a vontade de querer descobrir as respostas a essas perguntas e muitas outras. Nesse sentido, para melhor compreensão são apresentados frases ou textos curtos que extrapolam o conhecimento empírico.

Esses dois Volumes, em parte o volume 9 que se dedica a ciência, oferece ao leitor um significativo conhecimento sobre os aspectos naturais e a influência do avanço da ciência, para os anos 1950. A julgar pelo entusiasmo dos editores em produzir uma coleção de verdadeira enciclopédia para essa nova geração que crescerá em um mundo moderno, da ciência e da exploração da natureza, é um considerável material de apoio para a construção do conhecimento.

Embora nos livros dedicados a esses volumes se utilize pouco recurso em colorido para as fotos e imagens, são os textos, (e talvez seja essa a intencionalidade) que ganham destaque ao expor uma linguagem acessível, e reunir tamanha informação para a educação do leitor ao mundo natural do qual pode explorar para o desenvolvimento e o bem da humanidade, como sugere os editores que a coleção sirva.

Os dois volumes da presente coleção – *A Natureza e Aprendendo a brincar* – destinam-se a estimular o interesse pela natureza e sugerir jogos e ocupações inventivas para o bom desenvolvimento do espírito e do corpo. O interesse real e sadio que tais obras pretendem incentivar pode estender-se por toda a vida (O MUNDO DA CRIANÇA, 195-, v. 7, p.9).

Segundo Cunha e Santos (2017), em pesquisa sobre “Preceitos para bem viver: um estudo sobre manuais de civilidade e etiqueta na década de 1950”, pela perspectiva de Norbert Elias, ao tratar do controle de emoções e da formação da conduta, asseguram que de forma geral, o mundo pós-guerra buscava formar novas maneiras de convivência, a fim de reestruturar as relações humanas a partir do sentimento de civilidade pelo viés ainda do sentimento de pertença à uma humanidade igual a todos “no qual as ações individuais contribuíssem para uma

estabilidade coletiva” (Cunha e Santos, 2017, p. 193). De maneira que até mesmo a formação para artes poderia contribuir no processo de civilidade.

4.1.5. A arte para civilizar

Para melhor formar o leitor, ou a criança leitora, a coleção utiliza-se da arte para o que compreende formar um cidadão integral, culto, ao que caracteriza melhor o termo de civilizado que a época considera em seu aparato social. Uma vez que o refinamento dos saberes e dos comportamentos asseguravam, de certa forma, um nível a mais para o projeto de civilidade e a garantia de uma possível figuração no ambiente social.

Em Sociedade de Corte, Elias ao discutir as mudanças estruturais que configuraram as alterações nas relações de poder da aristocracia para a burguesia, e assim de uma sociedade de base nobre para uma sociedade industrial, argumenta que a coerção que na primeira se fazia de forma direta, por exclusão ou até mesmo violência, na segunda se dá pelo modo indireto, relacionado exclusivamente na forma de conduta.

As prescrições éticas, morais e comportamentais, agora em uma sociedade industrial é que qualificam os indivíduos para fazer parte ou não dos grupos sociais a que estão inseridos ou almejam fazer parte. Todo esse jogo no comportamento assim, se assemelha aos modos de conduta que a sociedade de corte aderiu durante sua existência.

É aqui, sobretudo, que se colocam suas coerções. Mas tudo o que se refere à esfera do comportamento privado, seja no caso da habitação, das relações entre os sexos ou do gosto artístico, seja no caso da comida ou da maneira de celebrar as festas, não recebe mais sua conformação decisiva de um modo imediato e autônomo como antes, no próprio convívio social entre as pessoas, mas sim de um modo indireto e heterônimo, em função de interesses e condições profissionais (ELIAS, 2001, p.131).

E dessa forma, mais uma vez, nota-se que o processo civilizador é algo que acontece em toda forma de sociedade, e durante toda a história, às vezes se repetindo padrões, mais aprimorados ou não, em outras vezes produzindo padrões que determinam grupos e modos de comportamentos. Como uma constante a história está sempre em movimento, na dinâmica das relações sociais.

Ao julgar pelo aspecto cultural dos anos 1950, a modernidade já havia se instalado no Brasil, artisticamente desde a Semana de Arte Moderna de 1922, que marcou o início do movimento artístico no Brasil auxiliando no avanço cada vez mais acelerados pelo movimento da indústria que se instalava em escala considerável.

A própria estrutura geográfica se alterou, já na década 1930, pela urbanização e o êxodo rural conseqüentemente. De maneira que se fazia mister elevar ao nível cultural da população.

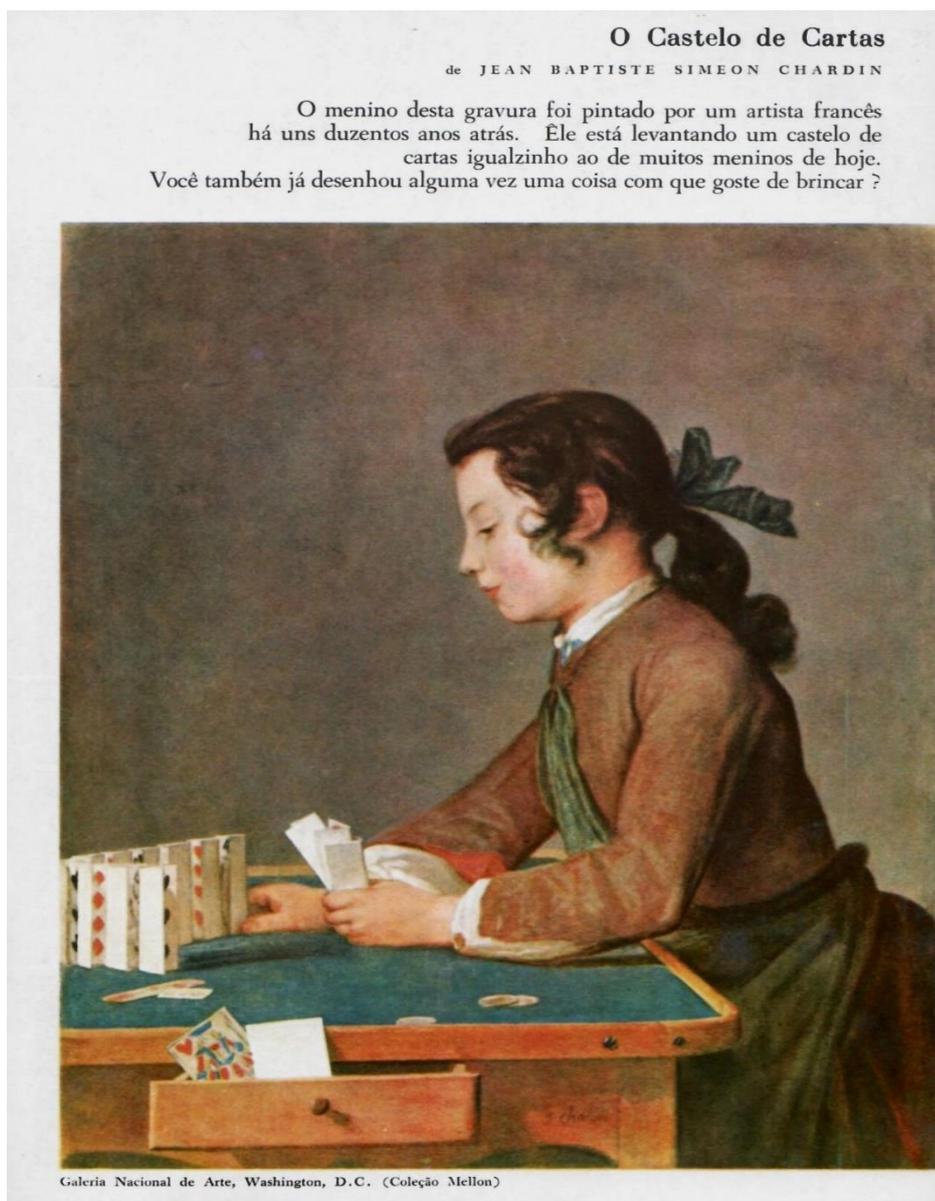
Assim, os volumes 10 “A arte ao alcance da criança” e 11 “Música para crianças” eleitas como categoria da Arte e Cultura, assumem a função de equiparar as crianças para essa finalidade.

Seguindo o padrão da própria coleção, os textos e frases são apresentados de maneira simples na linguagem da criança e escritos de forma a interagir como um instrutor que instigue e influencia os sentimentos para uma conduta sugerida, sendo possível observar isso na abertura do volume: “Depois que você folhear este livro, sentirá a magia que existe nas menores coisas que nos cercam todos os dias” (O MUNDO DA CRIANÇA, v.10, 195-).

Há uma peculiaridade no Volume 10, destinado à arte, na materialidade do suporte que se difere dos demais, as folhas são acetinadas para melhor apresentar as gravuras, fotografias e imagens das obras de arte que utilizaram para compor o Volume.

Nota-se, ainda, que o volume 10 apresenta as mais diversas gravuras e pinturas em tamanhos grandes, ocupando a página inteira ou boa parte dela, para que seja contemplada e ainda oferece as informações referentes às gravuras, como pintor, localidade da obra, material utilizado e explicações quanto ao que está registrado. Como se pode observar na figura 9, para além das informações, o texto interage com o leitor estimulando-o também ao movimento artístico.

Figura 9: Apresentando a Arte



Fonte: O MUNDO DA CRIANÇA, v. 10, 195-, p.79.

Ao volume 11, “Música para criança”, ficou a motivação de gerar o interesse pela arte das canções, valorizando em um primeiro momento os sons que se manifestam no dia a dia, enfatizando que “o mundo está cheio de sons” (O MUNDO DA CRIANÇA, v.11, 195-, p.3) e levando a criança para essa percepção de observar e aguçar os ouvidos para os diversos sons emitidos.

Na sequência, é apresentado, em 100 páginas, partituras de canções de ninar, infantis, cantigas de roda, canções folclóricas explorando a nacionalidade brasileira, canções para os dias festivos e canções patrióticas como os hinos Nacionais e da República.

Na figura 10 é possível observar o quanto a Coleção se interessou em dar suporte e fazer conhecer todas as possibilidades da criança diante do mundo novo moderno que pertencia. Como uma enciclopédia, ela apresenta o ambiente musical pela sua própria linguagem, a partitura.

Figura 10: A linguagem da música

Sapo Jururu

Folclore - Melodia
fornecida pelo S. E. M. A. Harmonização por Dinah de Barros Menezes

Andante



Sapo Ju - ru - ru — Na beira do
A mulher do sa - po Deve estar lá

ri - o Quando o sapo grita oh! maninha!
dentro Fazem - do ren - dinha oh! maninha!

É por que tem fri - o!
Pra seu ca - sa - men - to!

Fonte: O MUNDO DA CRIANÇA, v.11, 195-, p.29.

Diante da materialidade e do conteúdo apresentado nesses dois volumes, percebe-se que a formação culta, no sentido do termo de pessoa douta e instruída, está presente na coleção como ideal de um modelo de formação integral do ser que compreende a cultura a sua volta e o desenvolvimento moderno da arte no mundo, por meio de herança da pintura e da música como ideal de cultura nobre.

De modo que ao fazer menção de obras presentes em museus e mostrá-las, explicá-las e torná-las parte do conhecimento da criança que lê a coleção, como

ainda propor e dar a esta criança condições de que aprecie a musicalidade em suas diferentes manifestações, e apresentar-lhe instrumentos musicais em tamanho, detalhes e exemplificações fica implícito que se pretende dar base para que se aproprie dessa conduta e desse comportamento, produzindo sentidos.

[...] os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis. As obras, os discursos, só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre páginas de um livro, transmitidas por uma voz que lê ou narra, declamadas num palco de teatro. [...] Daí, então, a atenção dispensada, mesmo que discreta, aos dispositivos técnicos, visuais e físicos que organizam a leitura do escrito quando ele se torna um livro (CHARTIER, 1994, p.8).

Diante disso, as características materiais e o conteúdo dos dois volumes, a forma como é apresentado, a linguagem, as imagens e suas peculiaridades, remetiam ao anseio que a sociedade brasileira, ou pelo menos por parte dos editores e literatos, de inserir na criança uma conduta e um comportamento próximo ao dos países desenvolvidos, como os Estados Unidos, do qual se adaptou a Coleção. E esse comportamento estava interligado a uma formação para a indústria.

4.1.6. Um cidadão para a indústria

Considerando o documento elaborado pelos signatários da Educação Nova, em 1959, “Mais uma vez convocados”, e da profunda análise que apontam da defasagem e frágil situação da educação brasileira frente ao desenvolvimento que estava posto, considerando ainda a participação de Lourenço Filho na versão brasileira da coleção “O Mundo da Criança”, pressupõe que o volume 9 “Ciência e Indústria” veio ao encontro da proposta de formação de indivíduo civilizado para a época em processo de desenvolvimento industrial.

Sendo a coleção uma obra comercial e não financiada pelo governo, não estava ligada ao ambiente escolar, mas fazia parte da cultura que ia se desenvolvendo no Brasil do avanço tecnológico, ela representa, em certa medida, o que pais e educadores buscavam para o aprendizado da criança, necessária à época.

Os próprios signatários da Educação Nova defendem a ideia de que para cada mudança na esfera social, a escola e, em termos gerais, a educação precisaria

gerar, produzir conhecimentos para a adaptação e o bem comum (MANIFESTO DOS EDUCADORES DEMOCRATAS EM DEFESA DO ENSINO PÚBLICO, 1994, p.296).

Dessa forma, se a escola, enquanto instituição deixou a desejar essa formação, o mercado editorial não se limitou a oferecer apenas entretenimento para crianças, mas, como é visto em “O Mundo da Criança”, ao contrário lançou mão de adaptações e ofereceu à sociedade uma série que ensina e contextualiza “as máquinas que usamos” (O MUNDO DA CRIANÇA, v. 9, 1959, p.175).

Só se percebermos a força irresistível com a qual uma estrutura social determinada, uma forma particular de entrelaçamento social, orienta-se, impelida por suas tensões, para uma mudança específica e assim, para outras formas de entrelaçamento, é que poderemos compreender como essas mudanças surgem na mentalidade humana, na modelação do maleável aparato psicológico, como se pode observar repetidas vezes na história humana, desde os tempos mais remotos até o presente (ELIAS, 1994b, p.195).

As mudanças ocorridas na estrutura social por meio das tecnologias e das indústrias reorganizaram, inconscientemente, uma nova forma de relações sociais, e por conseguinte as figurações sociais. Essas novas figurações, isto é, os lugares sociais onde estavam e onde estariam futuramente, as crianças inseridas alteram assim sua forma de perceberem e atuarem sobre esse novo ambiente social.

Dar suporte e conhecimento referente a esses lugares logo se fizeram necessários, de modo a configurar também uma nova conduta. Mediante esse argumento, podemos verificar que tal como as mudanças no mundo ocidental (Elias, 1994b), desenvolveu um novo padrão de conduta e comportamento, de igual forma se repetem nesse contexto, industrial para a sociedade brasileira.

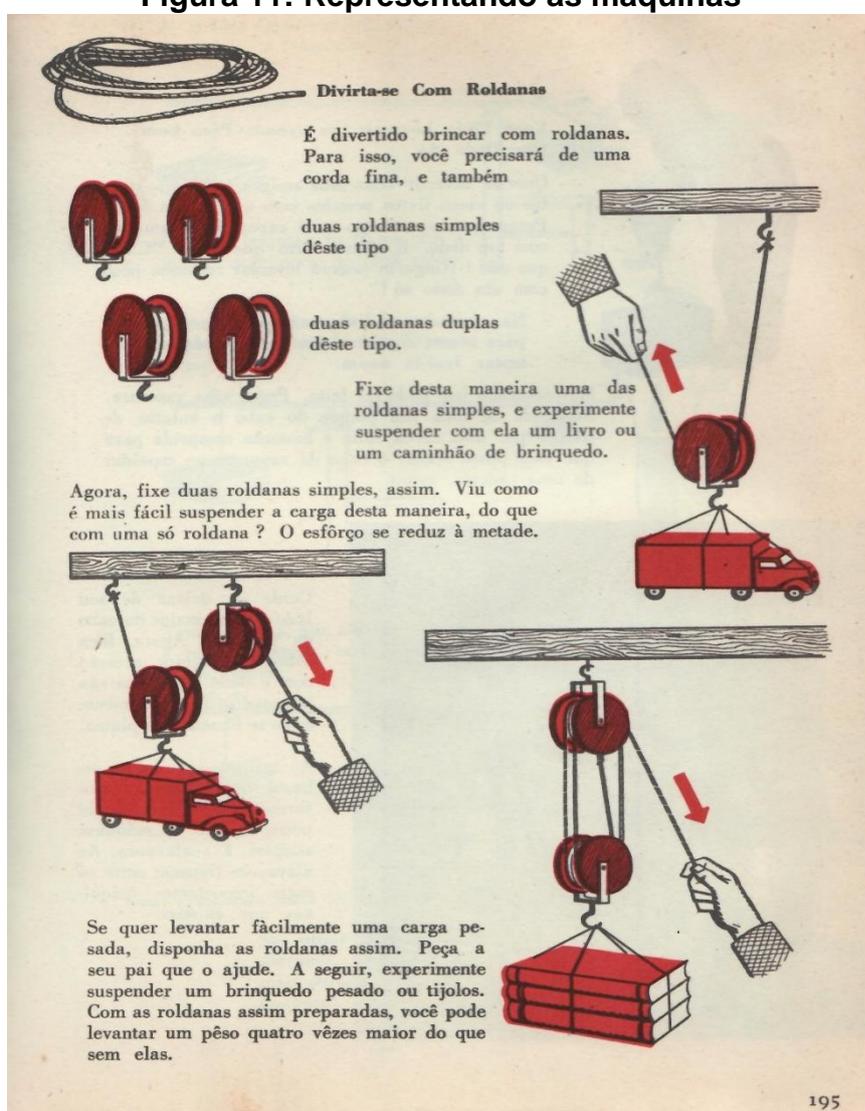
Apresentando gravuras, fotos e textos, o referido volume demonstra e valoriza as inovações e a utilidade que a indústria trouxe para a vida das pessoas por meio das máquinas: “vivemos na era da máquina. Dizem isso porque temos tantas espécies diferentes de máquinas para ajudar-nos a fazer as coisas mais depressa, mais facilmente e melhor do que as faríamos sem elas” (O MUNDO DA CRIANÇA, v.9, 1959, p.176).

Preparar a geração que já nascia na era da máquina era necessário para que o avanço em rumo ao desenvolvimento prosseguisse como desejava a política de metas do governo JK. “Daí a necessidade de uma preparação científica e técnica

que habilitou as gerações novas a se servirem, com eficácia e em escala cada vez maiores, de todos os instrumentos e recursos de que as armou a civilização atual” (MANIFESTO DOS EDUCADORES DEMOCRATAS EM DEFESA DO ENSINO PÚBLICO, 1994, p.297).

O volume explora as variedades das máquinas que auxiliam o homem, e ainda, explora as formas de utilizar as inovações da época, como forma de instruir a criança para esse mundo no qual a máquina dominava em ritmo acelerado de produção. Assim o volume serviu para adaptá-la e prepará-la, como podemos observar na figura a seguir:

Figura 11: Representando as máquinas



Fonte: O MUNDO DA CRIANÇA, v. 9, 195-, p.195.

É interessante a forma com que esse volume está organizado em sua estrutura de temas e seus conteúdos. Diferentemente dos volumes, já analisados, que tratam da natureza com embasamento científico, neste aqui analisado, a

natureza e seus elementos como seres vivos, a Terra e o céu são explorados a partir da perspectiva da utilidade para a vida social, para a cultura e para o trabalho. De maneira a construir uma abordagem que dá sentido ao indivíduo que lê, relacionando os conhecimentos a sua prática de vida e ao mundo do trabalho, por meio de uma linguagem direta.

Você sabe mais coisas do que o mais esperto animal que já tenha existido. E é mais inteligente do que o animal mais sagaz. Você pode aprender mais ainda fazendo perguntas e compreendendo o que fazem as outras pessoas e os assuntos sobre os quais conversam. Os animais não sabem ler, nem escrever ou pensar como você. Não tem curiosidade pelo mundo que os cerca (O MUNDO DA CRIANÇA, v. 9, 195-, p.15).

Diante da linguagem apresentada, de forma direta e informal, é possível considerar que a coleção, nesse volume, estimule a criança à curiosidade, ensinando-a a fazer questionamentos sobre tudo o que a cerca para que ela possa compreender sobre tudo e qualquer assunto. Além dessa abordagem, nas aberturas de cada seção a ser trabalhada, são apresentados textos introdutórios cheios de perguntas, antecipando o assunto e aguçando a curiosidade, tais como: “Você já pensou alguma vez no aspecto da Terra? Por que sobre o vento? O sol na realidade se levanta ou se põe?” (O MUNDO DA CRIANÇA, v.9, 195-, p.68).

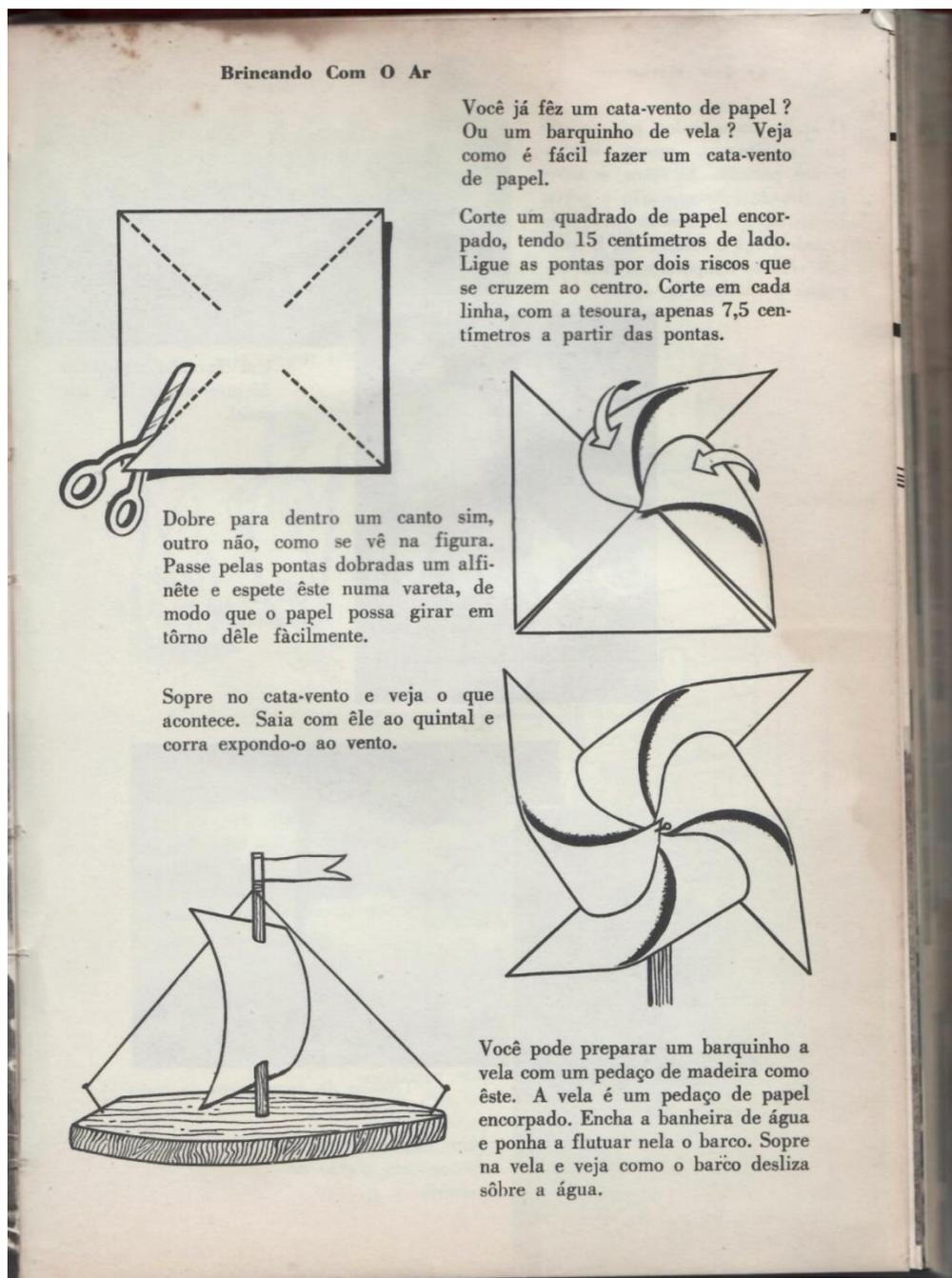
Ao que compete à materialidade e apresentação do volume e dos conteúdos, as imagens são pequenas e preta e branca, tornando difícil a observação de detalhes. Como pode ser observado nas figuras 12 e 13, onde relaciona o ar para o trabalho do homem e em seguida demonstra uma forma de brincar com ar, realizando o que pôde ser visto em toda a coleção, instruindo e conduzindo a criança para a prática de uma conduta que influencia sua vida social.

Figura 12. O ar para o trabalho do homem



Fonte: O MUNDO DA CRIANÇA, v. 9, 195-.

Figura 13: Brincando com o ar



Fonte: O MUNDO DA CRIANÇA, v. 9, 195-.

Como podemos analisar por meio de verbos como “divirta-se”, a coleção explora a naturalidade da criança, que é o brincar, para inserir nela o mundo da indústria, ao propor e mostrar por meio da figura, como se utiliza uma roldana, por exemplo, o que remete a coleção para o ideal de modernidade pretendido.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imprensa como objeto e fonte de pesquisa, como demonstrada nessa pesquisa, pôde nos conduzir mediante dois aspectos de relevância para o entendimento de sua função social e histórica, servindo como vestígio da ação dos sujeitos para a construção da cultura material e como sua influência como veículo de informações, ideias e, para essa dissertação, formas de condutas e comportamentos.

De modo que com os desdobramentos foi possível tecer e interpretar a relação do impresso para a História, e de modo especial para a historiografia da educação. Uma vez que a tomamos como um dos variados discursos para a sociedade brasileira da década de 1950, direcionada à formação de uma conduta civilizada para a criança, a qual compreendemos como um indivíduo inserido em uma sociedade.

Assim ao delimitar a pesquisa em torno da coleção “O Mundo da Criança”, traduzida e adaptada dos Estados Unidos para o Brasil durante a década de 1950, por meio de seus 10 volumes dedicados ao infante, essa pesquisa teve como objetivo analisar a coleção de maneira a interpretar seu suporte, materialidade e conteúdos a fim de identificar qual a influência do impresso para a formação de ideias, condutas, moral e comportamentos do público e do contexto a qual corresponde. E ainda identificar a função social do impresso para o desenvolvimento da cultura, da educação e da sociedade em geral, como vestígio para o campo da historiografia na construção dos conhecimentos produzidos pelos sujeitos da História e dos diversos grupos e figurações sociais, além de analisar o modelo de civilidade que a coleção trouxe como padrão de conduta da modernidade.

Durante o percurso da pesquisa buscamos responder aos questionamentos: Qual modelo de conduta a coleção “O Mundo da Criança” pretendia estabelecer como ideal para se alcançar a civilidade infantil e, conseqüentemente, do adulto? Como a coleção se organizou para que funcionasse como estratégia de formação do cidadão? Ampliando o conhecimento referente à fonte/objeto, sem a intenção de finalizar suas possibilidades de argumentação e investigação, essa pesquisa buscar identificar a maneira como o impresso serviu de mediador cultural para configurar um padrão de civilidade, por meio da linguagem textual, imagens e representação.

Para o desdobramento da pesquisa, essa dissertação foi organizada de em quatro seções, de modo que a introdução apresentou a fonte/objeto de pesquisa, os objetivos e a problematização por onde se encaminhou a investigação para o desenvolvimento dos objetivos.

Assim a segunda seção ocupou-se em apresentar as razões e versões da coleção “O Mundo da Criança” contemplando os dados referentes ao impresso, suas edições, publicações, origem e temas abordados pelos volumes para a edição brasileira.

Portanto, na terceira seção foi possível discutir sobre o impresso em si e seu papel social na história e historiografia da educação brasileira, pôde-se identificar a partir disso, que a coleção serviu como mediador cultural, possibilitando o entendimento de que no impresso existe uma determinada intencionalidade de que o leitor se aproprie de seu texto e lhe atribua sentido e prática (CHARTIER, 2002b).

Conforme essa análise percebe-se que o impresso “O Mundo da Criança”, por meio de toda sua materialidade, pretendeu contribuir para a construção de uma sociedade civilidade aos termos do mundo moderno, ao decorrer das mudanças na política brasileira da década de 1950, quando desde a política, a educação e a cultura enfrentava transformações em suas estruturas, almejando assim dar suporte e de forma semelhante provocar mudanças na estrutura da personalidade dos indivíduos também.

Essa dinâmica estabelece como práticas das quais “cada sociedade explicita, miniaturiza, formaliza suas estratégias mais fundamentais, e representa-se assim, ela mesma, sem os riscos nem as responsabilidades de uma história a fazer” (CERTEAU, 1982, p.19). Permitindo assim dar voz e notoriedade às muitas estruturas sociais, por meio dos objetos que pela Nova História Cultural tornou-se possível analisar, investigar e fundamentar os campos para a historiografia da educação.

Desse modo, a quarta seção apresenta as categorias de abordagem da coleção, em conformidade com a teoria do Processo Civilizador de Norbert Elias, identificando as figurações sociais da criança para a década de 1950 no Brasil, e elencando os modos pelos quais “O Mundo da Criança” abordou a civilidade como ideal e padrão de conduta e comportamento para a formação do infante aos bons modos.

Aferimos assim, em concordância com Bujes (2011), primeiramente, que a infância não se trata apenas de um período biológico e cronológico, mas que essencialmente é uma categoria social, visto que a partir da modernidade, é conferido à ela identidade e representação dentro da sociedade, sendo direcionada atenção, suporte, leis e visibilidade política, cultural e social.

Destarte o impresso “O Mundo da Criança” ao chegar ao Brasil, no contexto da década de 1950, veio a reforçar o que a modernidade expressava já em outras figurações, ou seja, em outros espaços sociais, possibilitando, como estratégia da dinâmica social, imprimir e gerar padrões considerados de cidadão civilizados.

Isso ocorre, quando ao percorrer os volumes da coleção, nota-se a presença da linguagem textual, por meio de fábulas, contos e os mais variados textos que afirmam os valores da conduta civilizada, dos bons modos para com a pátria, a casa, o modo de brincar, as referências que faz aos atores sociais que se tornaram evidências em suas épocas e nos mais diversos papéis sociais. Como ainda ao compor a coleção de volumes que ensinam, demonstram e apresentam a arte, a música, o desenvolvimento da indústria, os aspectos da natureza e da ciência, enquanto deixa implícito nos textos de se utiliza um manual de conduta.

Por meio dessas análises e interpretações, consideramos presente na coleção as categorias da sociogênese e psicogênese, referente aos conceitos de Norbert Elias (1994a). De forma que ao compreendermos que o impresso, de forma branda e implícita, intenta regulamentar condutas, trabalhando desse modo no desenvolvimento da estrutura da personalidade do infante. Em correspondência aos anseios pela modernidade da sociedade brasileira da época, que também enfrentava mudanças em sua estrutura, aqui social e política.

Em vista disso, a relação que se processa de forma interdependente entre sociedade e indivíduo e vice e versa, entendemos que a coleção “O Mundo da Criança” veio a responder ao anseio da sociedade brasileira por pertencer ao mundo moderno, possibilitando formar o infante, como categoria social de que conferimos sentido, para em meio ao processo de desenvolvimento social vir a ser um cidadão integral, em sua conduta social e em seu conhecimento científico e cultural, amparada pelo caráter de constituir-se como uma “enciclopédia para as crianças”, serviu ao seu tempo para esse fim, e a historiografia como vestígio do que a os sujeitos de outrora compreendiam como civilizado e auxiliando nesse processo de civilização, a concordar com o conceito de Norbert Elias, o qual a civilidade nunca é

boa ou ruim, civil ou incivil, mas cabe a seu tempo, contexto e cultura, de forma que a pesquisa que por aqui se encerra, por outro lado, também inicia, abrindo novas questões e possibilidades, pois uma fonte nunca se esgota em si.

FONTE

O MUNDO DA CRIANÇA. Poemas da primeira infância. Rio de Janeiro, Editora Delta S. A. v. 1. S/A.

O MUNDO DA CRIANÇA. Histórias contadas e outros poemas. Rio de Janeiro, Editora Delta S. A. v. 2. S/A.

O MUNDO DA CRIANÇA. Histórias de fadas. Rio de Janeiro, Editora Delta S. A. v. 3. S/A.

O MUNDO DA CRIANÇA. Nossos amigos os animais e aventuras, Editora Delta S. A. v. 4. 1959.

O MUNDO DA CRIANÇA. A vida em vários países. Rio de Janeiro, Editora Delta S. A. v. 5. 1958.

O MUNDO DA CRIANÇA. Grandes homens e feitos famosos. Rio de Janeiro, Editora Delta S. A. v. 6.

O MUNDO DA CRIANÇA. A natureza. Rio de Janeiro, Editora Delta S. A. v. 7. S/A.

O MUNDO DA CRIANÇA. Aprendendo a brincar. Rio de Janeiro, Editora Delta S. A. v. 8. S/A.

O MUNDO DA CRIANÇA. Ciência e indústria. Rio de Janeiro, Editora Delta S. A. v. 9 S/A.

O MUNDO DA CRIANÇA. A arte ao alcance da criança. Rio de Janeiro, Editora Delta S. A. v. 10. S/A.

O MUNDO DA CRIANÇA. Música para crianças. Rio de Janeiro, Editora Delta S. A. v.11. S/A.

REFERÊNCIAS

A EXPOSIÇÃO DO LIVRO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO. Lisboa, 1957.

BRAGHINI, Katya; MUNAKATA, Kazumi; OLIVEIRA, Marcus Aurelio Tabora (orgs.). **Diálogos sobre a história da educação dos sentidos e das sensibilidades.** Curitiba: Ed. UFPR, 2017.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **Norbert Elias: formação, educação e emoções no processo de civilização.** Petrópolis: Vozes, 2013.

BRASIL. Presidente (1956-1961). **Discursos selecionados do Presidente Juscelino Kubitschek**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2010.

BUGES, Maria Isabel Edelweiss. Discursos, infância e escolarização: caminhos que se cruzam. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org.). **Cultura, poder e educação: um debate sobre estudos culturais em educação**. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

BUGES, Maria Isabel Edelweiss. **A invenção do eu infantil: dispositivos pedagógicos em ação**. Revista Brasileira de Educação, n. 21, 2002.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Estratégias editoriais e territorialização do campo pedagógico: um livro de Sampaio Dória sob a pena do editor da biblioteca de educação**. Porto Alegre: História da Educação (online), v.17, n.39, jan/abr, p. 39 -56, 2013.

CAMPANELLO, Bernadete Santos; ANDRADE, Maria Eugênia Albino; MEDEIROS, Nilcéia Lage de. **Enciclopédias publicadas no Brasil: um estudo comparativo das enciclopédias Mirador, Barsa e Delta Universal**. Brasília, Ci.Inf. 22 (1): 44-52, jan/abr. 1993.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1391)**. Bragança Paulista, São Paulo. EDUSF, 1998.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; PINTASSILGO, Joaquim (orgs.). **Modelos Culturais, saberes pedagógicos, instituições educacionais**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVI**. Trad. Mary Del Priore. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun/ Roger Chartier**. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 2002.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2003.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estud. Av. São Paulo, v. 5, n. 11, abr. 1991.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 103 – 130.

CUNHA, Maria Teresa Santos; SANTOS, Márcia Regina dos. **Preceitos para o bem viver: um estudo sobre manuais de civilidade e etiqueta na década de 1950**. Piracicaba: Comunicações, v.24, n.3, p. 191 – 21, 2017.

DE LUCA, Tania Regina. As revistas de cultura durante o Estado Novo: problemas e perspectivas”. **IV Encontro Nacional de História da Mídia. A luta pela liberdade de imprensa-revisão crítica dos**, v. 300, p. 1-13, 2006.

ELIAS, N. **A Sociedade de Corte** - investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador: formação do Estado e civilização**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 10. ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

GOMES, Ângela de Castro. **A “cultura histórica” do estado novo**. São Paulo. Proj. História, (16), p. 121 – 141, fevereiro, 1998.

GONDRA, José Gonçalves. **Homo hygienicus: educação, higiene e a reinvenção do homem**. Campinas: Cad. Cedes, v. 23, n. 59, p. 25- 38, 2003.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

HOHLFELDT, Antônio. Na história das publicações brasileiras, a criança também tem vez. In: In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.). **Impressos no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p.363 - 380.

HONORATO, Tony. **Pesquisas com Norbert Elias em história da educação**. Piracicaba: Comunicações, v. 24, n. 3, p. 107 – 127, 2017.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2ª Ed. Piracicaba: Editora Unimpe, 1999.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, p. 179 – 205, 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MACHADO, Maria Cristina Gomes; RODRIGUES, Elaine. Conversando sobre fontes. In: GONDRA, José Gonçalves; MACHADO, Maria Cristina Gomes; SIMÕES, Regina Helena Silva (orgs.). **História da Educação, matrizes interpretativas e internacionalização**. Vitória: EDUFES, 2017, v.13, p.253 – 271.

MANIFESTO DOS EDUCADORES DEMOCRATAS EM DEFESA DO ENSINO PÚBLICO (1959). Brasília, v.75, n.179/180/181, 1994, p. 273 – 300.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

MOCCI, Márcia Hávila. ENCONTROS E DESENCONTROS NA POESIA A trajetória de pai e filho em Duelo do Batman contra a MTV, de Sérgio Capparelli. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Graciotto Silva. Maringá, 2010.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 23 - 43.

NOVAIS, Fernando A; SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NUNES, José Horta. Para uma história do discurso enciclopédico no Brasil. **Resumo Expandido apresentado na XXVII ENANPOLL**. Niterói: Instituto de Letras/UFF, 2012a. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/anpoll/resumos/josehorta.pdf>, 2012.

OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de; OSCAR, Luisa Cecilia Belotti; GREGÓRIO, Jéssica; LACERDA, Guilherme Henrique Gomes. Referenciais teórico-metodológicos nas pesquisas em história da educação: para uma história das relações entre sensibilidades, tempo livre e formação. In: BRAGHINI, Katya; MUNAKATA, Kazumi; OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda (orgs.). **Diálogos sobre a história da educação dos sentidos e das sensibilidades**. Curitiba: Ed. UFPR, 2017.

RODRIGUES, Elaine; BICCAS, Maurilane de Souza. **Imprensa pedagógica e o fazer historiográfico: o caso da Revista do Ensino (1929 – 1930)**. Maringá, v. 37, n. 2, p. 151-163, Abril - Junho, 2015.

ROSSI, Edneia Regina. O projeto de educação da modernidade e a constituição da identidade da nação brasileira na primeira república (1889 – 1929). In: ROSSI,

Edneia Regina; RODRIGUES, Elaine; NEVES, Fátima Maria (orgs.). **Fundamentos históricos da educação no Brasil**. Maringá: Eduem, 2009, p. 89 – 102.

SEVECENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcia da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, Fernando A; SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.7 – 48.

SEVECENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando A; SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.513 – 619.

SILVA, Hélio. **Desenvolvimento e democracia: 1956/1960**. 3 ed. São Paulo: Editora Três Editora Brasil, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOARES, Gabriela Pellegrino. Os irmãos Weiszflog em busca dos mercados escolares: identidades das edições melhoramentos dos primórdios à década de 1960. In: In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.). **Impressos no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 157 -169.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções: entre a formação do leitor e o mercado de livros. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.). **Impressos no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p.139 – 156.

TORRESINI, Elizabeth W. Rochadel. Breve história da circulação de livro, das livrarias e editoras no Rio Grande do Sul (séculos XIX e XX). In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.). **Impressos no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p.235 – 252.

THE STORY OF THE WHITE HOUSE CONFERENCES ON CHILDREN AND YOUTH. Children's Bureau (DHEW), Washington, D.C. 1967.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de (org.). **Cinco estudos em História e Historiografia da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.11 – 40.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. Rio Grande do Sul. n.14, dez, 2008.